



Número

Terra Viva

**Estratégias, ações, resultados e desafios
na disseminação agroflorestal**

Presidência da República

Presidente: Luiz Inácio Lula da Silva

Vice-presidente: José Alencar Gomes da Silva

Ministério do Meio Ambiente

Ministra: Marina Silva

Secretaria de Coordenação da Amazônia

Secretária: Muriel Saragoussi

Secretaria de Políticas para o Desenvolvimento Sustentável

Secretário: Gilney Viana

Departamento de Agroextrativismo e Desenvolvimento Sustentável

Diretor: Jorg Zimmermann

Programa Piloto para Proteção das Florestas Tropicais

Coordenadora: Nazaré Soares



EXPEDIENTE

Subprograma Projetos Demonstrativos – PDA

Secretário-Técnico: Jorg Zimmermann

Secretária-Técnica Adjunta: Anna Cecília Cortines

Equipe Técnica: Alice Guimarães, Demóstenes de Moraes, Elmar Castro, Ida Pietricovsky de Oliveira, Isis Lustosa, Klinton Senra, Mauricio Barbosa Muniz, Odair Scatolini, Rodrigo Noleto, Silvana Bastos e Zaré Brum Soares. Estagiárias: Rafaela Silva de Carvalho e Yandra Fontes Bastos

Equipe Financeira: Cláudia Alves, Luiz Henrique Marciano e Nilson Nogueira

Equipe Administrativa: Eduardo Ganzer, Francisca Kalidaza, Mariza Gontijo e Neide Castro

Cooperação Técnica Alemã, GTZ: Denise Lima Pufal, Margot Gaebler e Monika Grossmann

Cooperação Financeira: República Federal da Alemanha – KfW, União Européia – CEC, Rain Forest Trust Fund – RFT, Fundo Francês para o Meio Ambiente Mundial – FFEM

Cooperação Técnica: Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento – PNUD, Projeto BRA/03/009. Agência Alemã de Cooperação Técnica, Deutsche Gesellschaft für Technische Zusammenarbeit (GTZ) GmbH.

Esta publicação foi realizada com a colaboração da Cooperação Técnica Alemã - GTZ

Agente Financeiro: Banco do Brasil

Equipe de sistematização:

Do MMA: Anna Cecília Cortines, Célia Chaves, Gilberto Nagata, Mara Vanessa F. Dutra (PDA); Denise Lima (GTZ/PDA); Alice Guimarães (AMA/PPG7)

Consultoras: Elza Falchembach (Universidade de Ijuí), Ladjane Ramos e Maristela Bernardo

Dos projetos: Adelfício Jacinto, Adriana Felipim, Alexandro Chaves, Alexsandro Oliveira, Ana Bonfim, Daniela Nart, Edivânia Duarte, Elias da Silva Santos, Francisco Colli, José Domingos Barra, Joseilton Sousa, José Kuticoski, José Roberto Xavier, Luana Carvalho, Luciano Paixão, Luzia Aparecida Pinheiro, Marcelo Paranhos, Maria Bernadete Franceschini, Márcia Neves, Maria Thereza Sopena Stradmann, Marinete Silva, Raimundo Pureza

Do Terra Viva: Alexandro Silva Chaves e Francisco Colli (responsáveis pelo processo de sistematização e organizadores do texto)

Elaboração de texto: Alexandro Silva Chaves e Francisco Colli (Terra Viva)

Copy desk e edição de texto: Mara Vanessa F. Dutra

Revisão ortográfica: Roberto Harfush Midlej

Projeto Gráfico e capa: Masanori Ohashy (Idade da Pedra Produções Gráficas)

Fotos: Ricardo Russo

Apresentação

Apresentamos, por meio desta série, algumas histórias que falam de saberes, de vidas, de gente construindo formas mais sustentáveis de convivência com o meio ambiente. Essas histórias contam com o apoio do PDA – Subprograma Projetos Demonstrativos, parte do Programa Piloto para a Proteção das Florestas Tropicais do Brasil, do Ministério do Meio Ambiente.

Ao longo de seus dez anos de vida, o PDA apoiou e apóia cerca de 320 projetos na Amazônia e na Mata Atlântica. A história do PDA – as histórias dos projetos apoiados pelo Subprograma – tem demonstrado que há um acúmulo de conhecimento sendo gerado pelas comunidades e organizações de produtores familiares, criando e testando novas tecnologias e sistemas de produção sustentável. Há um saudável diálogo entre conhecimento tradicional e novas informações, apontando perspectivas viáveis que, em alguns casos, já saem do limite do “demonstrativo” e passam a fazer parte de políticas públicas locais e regionais. Importante lembrar que, o que para o poder público é valorizado por seu potencial demonstrativo, para os produtores e comunidades envolvidos é a vida real – sua vida, sua sobrevivência.

As histórias desta série são narradas pelos próprios grupos envolvidos nos projetos apoiados pelo PDA. As narrativas são resultado de um processo de sistematização de experiências, cujo desafio maior é aprender com as práticas, fazendo, destas, objeto de conhecimento. Em um projeto piloto realizado entre julho de 2003 e março de 2004, onze iniciativas apoiadas pelo PDA sistematizaram alguns aspectos de suas práticas. O resultado são onze histórias reais, contadas por muitas vozes, tecendo narrativas cheias de vida, reflexão, descobertas, aprendizados.

Cada grupo ou comunidade contou sua história de seu jeito. Para isso, criou momentos e instrumentos, experimentou metodologias, fez caminho ao andar. Os textos da série revelam essa experimentação metodológica, mantendo as estruturas e narrativas criadas por cada grupo envolvido. Como na vida, os textos das sistematizações não seguem um único roteiro, mas inventam seus próprios mapas narrativos.

O PDA com alegria apresenta essas histórias de saberes, de gentes, de vidas, com o desejo de estar contribuindo para demonstrar caminhos possíveis para políticas públicas mais adequadas à produção familiar, às comunidades tradicionais e ao meio ambiente.

Jorg Zimmermann

Secretário Técnico PDA



Sumário



Introdução

- Características do Público Meta
- O processo de Sistematização

6

8

5



Como e porque tudo começou

- Contexto sócio-ambiental da região
- organização social na região e a fundação do Terra Viva
- A Fase Inicial do Terra Viva
- O Replanejamento Estratégico do Terra Viva

12

13

14

15

12



A Intervenção:

Estratégias e Metodologias

- Difusão Agroflorestal: Ações e Estratégias
- As estratégias desenvolvidas
- Provocando “Estalos”

20

16

20

Processos Educativos

- DRPA - Diagnóstico Rápido e Participativo de Agroecossistemas

22

22

16





Quais Técnicas Utilizamos	24
Intercâmbios	30
Formações específicas	31
Formação cotidiana	32
Seminários	32
Publicações	33
Apoio Técnico e Logístico	34
Assistência técnica	34
Montagem de viveiros	35
Fornecimento de sementes	35
Articulação de Parcerias Institucionais	
Parcerias locais	36
Parcerias Regionais	37



conclusões	38
• Resultados alcançados com o Programa	38
• Dificuldades	40
• Desafios à Consolidação	41
• Resultados alcançados com o processo de sistematização	43
Algumas dificuldades do processo	44

Siglas utilizadas	19
-------------------------	----

Anexos	46
• Anexo 1 - Tipos de SAFs implantados por comunidades:	46
• Anexo 2 - Plantio de Mudras no Campo	47
• Anexo 3 – Monitoria Família 4: André e Eulália	48

Introdução



O Terra Viva iniciou suas ações no Extremo Sul da Bahia em 1992. Ao longo de sua existência, vem acumulando conhecimentos e lições estratégicas, construídas continuamente no exercício do fazer concreto junto com os agricultores e agricultoras. Aprendemos também com os erros e insucessos em nossa missão: a de contribuir com o fortalecimento da agricultura familiar por meio do desenvolvimento de sistemas agroecológicos de produção e de preservação ambiental.

A partir de 1996, atuamos, em parceria com o PD/A – PPG7/MMA¹, na disseminação de “sistemas sustentáveis de produção agrícola e de preservação ambiental”. Estas ações são desenvolvidas em dez comunidades de quatro municípios do Extremo Sul Baiano: Itamaraju, Prado, Itanhém e Jucuruçu. A entidade opera com duas categorias de agricultores familiares: os agricultores tradicionais em Itanhém e Jucuruçu e os assentados da reforma agrária em Prado e Itamaraju.

As ações do programa agregam mais de 230 famílias nas atividades de capacitação e disseminação. Os principais Sistemas Agro-Florestais/SAFs desenvolvidos são: SAFs à base de fruteiras tropicais, SAFs à base de café, recuperação agroecológica de SAFs de cacau, quintais agroflorestais e recuperação agroflorestal de nascentes.

No anexo 1, pode-se ver o quadro dos tipos de SAF implantados em cada comunidade atendida pelo Terra Viva, com o tempo da implantação e o número de famílias participantes.

1. Subprograma Projetos Demonstrativos -PDA, parte do Programa Piloto para a Conservação das Florestas Tropicais Brasileiras/PPG7, do Ministério do Meio Ambiente.

Características do Público Meta

As famílias assessoradas pelo Terra Viva são agricultores familiares, com propriedades variando de 10 a 75 hectares, ocorrendo também relações de comodato entre pais e filhos. Em cerca de 50% das propriedades dessas famílias, o acesso fica intransitável na época das chuvas. Os sistemas de produção baseiam-se primordialmente na criação de gado e em uma ou duas culturas agrícolas. Destacam-se o cacau, o café, a banana e a mandioca.

Em geral, a escolaridade formal é muito baixa: 54% das pessoas com idade escolar são analfabetos, semi-analfabetos ou têm o primário incompleto, 36% concluíram o primário. As famílias possuem em média 4,5 membros. Cerca de 40% da população acima de 18 anos migra para os centros urbanos, principalmente pelas seguintes razões: geração de renda insuficiente na unidade familiar, falta de autonomia do jovem e falta de perspectivas de educação.

Sistema Agroflorestal (SAF) é o plantio de várias espécies florestais, arbustos e herbáceas de usos múltiplos numa mesma área: frutíferas, adubadeiras, madeiráveis, plantas para alimentação da fauna, para recuperação do solo etc.



O processo de Sistematização

Por "uma nova matriz de desenvolvimento", de acordo com a compreensão desenvolvida pelo terra viva e seus parceiros (agricultores e entidades), compreende-se uma nova relação homem-mulher-natureza, que garanta sustentabilidade ambiental, cultural e econômica à atual e às futuras gerações.



Pretendemos aqui² sistematizar a nossa experiência e nossas estratégias de disseminação de SAFs e os aspectos que consideramos mais relevantes em nossos processos de introdução de uma nova matriz de desenvolvimento para as comunidades rurais da região. Essa experiência foi desenvolvida a partir de 1996, envolvendo principalmente a geração de conhecimentos e a participação efetiva dos beneficiados. O tema escolhido para o processo de sistematização foi focalizado nos sistemas agroflorestais, por dois fatores básicos: ser uma área temática com maior atuação da entidade, na qual o Terra Viva tem maior experiência; e por articular maior número de famílias de agricultores.

² Este documento foi produzido com base em reflexões de agricultores, entidades, técnicos e técnicas parceiras, técnicos do Terra Viva, subsidiados ainda pelo acervo da instituição, durante o processo de sistematização.

A sistematização foi pensada e executada para atender a três demandas refletidas pelo corpo institucional e em ponderações nos fóruns de parceiros:

1. Documentar e divulgar os conhecimentos adquiridos com a nossa prática de disseminação agroflorestal de forma objetiva.
2. Promover o entendimento, a avaliação processual e a capacitação do próprio grupo executor e sistematizador, objetivando o seu uso futuro como instrumento de aprimoramento metodológico que nos leve a novas práticas e aprendizados.
3. Promover a publicidade positiva de nossa atuação, visando o desenvolvimento regional, a continuidade e expansão de nossas ações.

O processo de sistematização ocorreu durante o período de agosto a dezembro de 2003 e consistiu, basicamente, da realização de oficinas populares participativas, realizadas em três municípios de atuação do Terra Viva: Itanhém, Prado e Jucuruçu. Contou com a participação de agricultoras e agricultores de seis comunidades – Aruanda, Lembrança, Gado Bravo, Barra do Buri, Farinha Lavada e Riacho das Ostras. Optamos por sistematizar o trabalho nas comunidades com atuação mais madura e com a maior variabilidade de sistemas agroflorestais.

É importante refletir sobre nosso processo e sobre nossa história e mostrar isso. Assim, a sociedade pode espelhar em nós, pois tudo que dá certo é copiado. Essa reflexão e comunicação podem despertar o interesse.

Arnaldo Fernandes
Rep. Legal do Terra Viva



Das oficinas populares participaram em média 45 pessoas: homens, mulheres, jovens, técnicos de entidades parceiras, lideranças de sindicatos e associações parceiras, sócios e técnicos do Terra Viva. Esses últimos coordenaram as oficinas. Técnicas lúdico-participativas subsidiaram metodologicamente o trabalho³ favorecendo o debate e o resgate histórico, orientados pelas seguintes perguntas:

1. Por que e como fizemos os SAFs?
2. Qual a importância de olharmos a propriedade e a comunidade como um SAF?
3. Qual a importância do processo educacional para a implantação, desenvolvimento e continuidade dos SAFs?
4. Quais alterações ocorreram na dinâmica social e econômica das famílias e das comunidades que implantaram os SAFs?
5. Quais as dificuldades encontradas pelas famílias que implantaram os SAFs?
6. E as famílias que não deram continuidade e que não estão mais na experiência, por que não continuaram, o que aconteceu? Como estão atualmente?
7. De que forma a política regional de crédito para a agricultura familiar contribuiu ou dificultou a difusão e implantação dos SAFs?
8. O que é considerado resultado para o grupo? Quais são os resultados?
9. Todos os atores envolvidos se identificam com os resultados?
10. Como estamos usando os resultados?

³ Técnicas do Diagnóstico Rural Participativo (DRP) ajudaram a fazer o trabalho de maneira lúdica, montando os cenários com materiais da região (flores, folhas, mudas).

Este processo nos permitiu detalhar a nossa história em quatro momentos significativos, ou seja, momentos que possibilitam processos maiores e mais organizados de reflexão pelo coletivo que compõe o Terra Viva e suas parcerias:

1. O replanejamento estratégico, realizado em 1995.
2. O “estalo” provocado nas famílias agricultoras, que normalmente acontece no primeiro ano de relacionamento com as comunidades.
3. Os resultados alcançados, principalmente a produção existente, que passou a ser maior em 2001.
4. E, mais recentemente, a reflexão sobre a consolidação de nosso trabalho, ação que ainda está em processo.

Na primeira parte do documento

apresentamos o contexto da região, de suas organizações e do próprio Terra Viva, até 1996. A partir daquele ano, replanejamos nossas ações e iniciamos a disseminação de áreas demonstrativas de SAFs, com o apoio do PDA.

A seguir, descrevemos o período a partir de 1996, as estratégias e metodologias utilizadas e desenvolvidas para disseminação e manutenção de agroflorestas e os principais resultados alcançados.

Na terceira parte, apresentamos uma pequena reflexão realizada conjuntamente com os agricultores. Nela, destacamos as dificuldades e os principais desafios para a consolidação de nossa proposta de desenvolvimento regional, baseado na agroecologia e no respeito ao meio e às pessoas.

Como e porque tudo começou



Contexto socioambiental da região

O Extremo Sul da Bahia é uma região com muitas singularidades decorrentes dos processos históricos e ondas de ocupação humana, iniciadas pelos ancestrais dos Indígenas que aqui viviam no evento da chegada dos portugueses. Logo após, ocorre a extração do Pau-brasil, primeiro ciclo de exploração predatória na região.

A partir dos anos 50, tem início um novo ciclo de ocupação regional, mais brutal, predatório e definitivo, que predominou até o esgotamento dos recursos florestais. O desmatamento neste período foi decorrente da expansão territorial da pecuária extensiva já implantada em Minas Gerais, nos vales do rios Doce e Mucuri e no norte do Espírito Santo.

Na década de 70, o processo se acelerou violentamente, invertendo os pólos de crescimento urbano para o eixo da rodovia. Em poucos anos, pequenas cidades e distritos, como Eunápolis, Teixeira de Freitas e Itabela, tornaram-se grandes aglomerados humanos em torno das centenas de serrarias que se instalaram na região, em sua maioria controladas por capixabas.

O esgotamento dos recursos na década de 80 levou as empresas madeireiras a se deslocar especialmente para a Amazônia. A crise de trabalho gerou um grande contingente de desempregados e crescimento da miséria. Nesse contexto, iniciou-se a luta pela reforma agrária. Os STRs (Sindicatos de Trabalhadores Rurais) e, logo depois, o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), passaram a mobilizar as populações periféricas e a organizar grandes ocupações, principalmente na planície litorânea, onde se concentravam os latifúndios improdutivos, aptos para reforma agrária.

Com a integração da região ao crescimento nacional, muitos e novos atores se integraram na dinâmica e conflituosa ocupação da terra, dos espaços físicos, do meio ambiente regional, e o Extremo Sul da Bahia tornou-se palco de diversos conflitos: Sem terra X latifundiários, Índios X fazendeiros, Ibama X Índios, ambientalistas X indústrias de celulose, agricultura familiar X indústrias de celulose etc.

A organização social na região e a fundação do Terra Viva

O movimento sindical rural sempre foi muito forte na região e, juntamente com a Igreja Católica, constituíam as únicas referências como organizações de movimento popular na região. Durante muito tempo, estas duas instituições ficaram alheias à dinâmica de desenvolvimento da área. A Igreja Católica ocupava-se apenas da religiosidade dos seus fieis e os STRs, apenas da defesa dos direitos trabalhistas de sua base.

A partir de 1980, tanto a Igreja quanto o movimento sindical acordaram para a discussão sobre os rumos que estava tomando o desenvolvimento regional. O movimento sindical se organizou regionalmente por meio da ASTRESB (Articulação dos Sindicatos de Trabalhadores Rurais do Extremo Sul da Bahia), que congregou 18 STRs. A igreja instituiu a CPT (Comissão Pastoral da Terra). Esses dois movimentos, atuando conjuntamente, passaram a proporcionar os primeiros debates, tanto no tocante à reforma agrária, com a organização de pessoas para ocupação de terras improdutivas, como na preocupação com as condições para reprodução das famílias que possuíam terras.

Durante este período, até 1990, foram discutidos os problemas causados pelos agrotóxicos, o desmatamento da região, a chegada avassaladora da monocultura⁴ de eucalipto etc. Muitas formações foram dadas aos agricultores, objetivando reverter um processo de erosão cultural, econômica e humana na região.

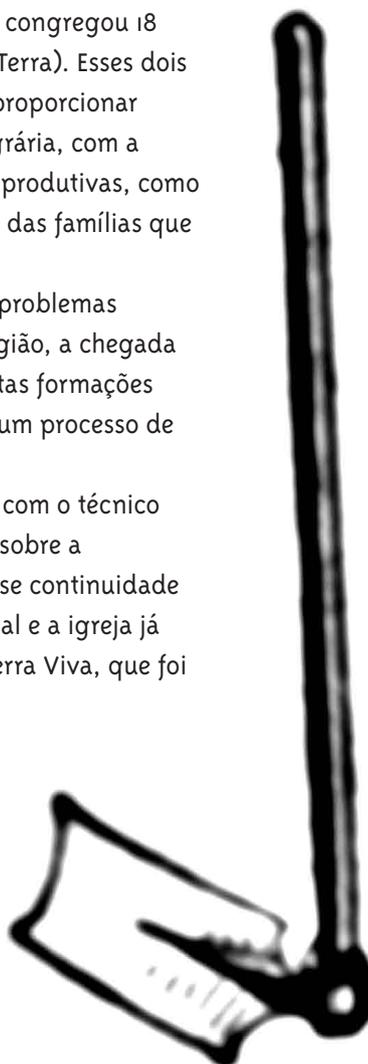
Em 1990, o movimento sindical e a CPT, em parceria com o técnico agrícola Isaac Almeida Filho⁵, iniciaram a discussão sobre a fundação de uma instituição independente que desse continuidade e implantasse as propostas que o movimento sindical e a igreja já vinham discutindo. Assim, em 1991, foi fundado o Terra Viva, que foi legalizado em 1992.

A participação no sindicato e na igreja me conscientizou para não cortar a árvore. Nós tivemos um grande incentivo com a CPT, ainda não conhecíamos agroecologia, mas já sabíamos que era preciso produzir de um outro jeito. Aí chegou o Terra Viva.

Zenilto Pereira da Silva
(Aruanda, Itanhém - BA)

⁴ Sistema de cultivo no qual só se planta uma única espécie.

⁵ Isaac Almeida Filho atuava como extensionista convencional da CEPLAC – Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira. Após tomar consciência da ação ofensiva provocada em especial pela disseminação desenfreada de agrotóxicos, repensou sua vida e passou a atuar em organizações de agricultura alternativa, sobretudo no SASOP – Serviço de Apoio às Organizações Populares Rurais. Durante os anos de 1990 e 1991, animou o processo de organização do Terra Viva, do qual tornou-se o primeiro membro do corpo técnico. Faleceu em 1995.





A Fase Inicial do Terra Viva

Em 1993 a entidade obteve os primeiros apoios e passou a executar projetos junto a diversos grupos de famílias dispersos em vários municípios da região. A inserção da entidade nas bases sociais foi muito facilitada pelo perfil dos sócios, em boa parte membros ativos do movimento sindical regional e de associações locais.

A estratégia, naquela fase, combinava duas diretrizes: implantar o maior número possível de pequenas áreas demonstrativas com pequenos grupos e realizar um programa de comunicação de massa que apoiasse a disseminação dos sistemas em implantação. Neste período, até o final de 1994, foram implantadas 11 áreas experimentais de sistemas agroflorestais, variando de um a cinco mil metros quadrados, e foi mantido um programa de rádio semanal no ar.

O pensamento nas gerações futuras já existia, mas, com o Terra Viva, veio a se tornar prática.

Sebastião Chaves
Lembrança, Itanhém - Bahia

O Replanejamento Estratégico do Terra Viva

A partir de meados de 1994, no processo de avaliação e planejamento estratégico, fomos constatando fragilidades em nossa maneira de atuar. As famílias participavam das atividades programadas nas parcelas experimentais e nos momentos de formação, mas a apropriação dos sistemas propostos não estava ocorrendo e nem sua disseminação para outros grupos não-participantes diretos. Como resultado, foram criadas pequenas "ilhas" de sistemas com uma grande diversidade de espécies e métodos de proteção da vida no solo, mas a própria família que tinha a posse da área experimental permanecia praticando a mesma agricultura de roçado de mandioca com suas técnicas usuais no restante da propriedade.

Reconhecemos que a estratégia adotada não seria suficiente para atingirmos nossos objetivos institucionais e nos debruçamos em estudos e diagnósticos para ampliar nossa compreensão do contexto da agricultura familiar da região e estabelecer novas estratégias. Essas deveriam ser mais eficazes, a fim de permitir uma contribuição mais efetiva no fortalecimento da agricultura familiar e na preservação da Mata Atlântica remanescente na região.

Durante um ano, realizamos uma grande pesquisa sobre a agricultura familiar na região, em parceria com o movimento sindical e com participação direta de mais de 50 pessoas. Foram realizadas entrevistas com 928 famílias, dezenas de reuniões e seminários, para que pudéssemos construir um conhecimento sistematizado e atual da base social para a qual o Terra Viva estabeleceu sua missão e razão de existência. Esse trabalho nos permitiu reconhecer a diversidade de contextos nos quais a agricultura familiar se insere e se reproduz; conhecer sua dispersão na região; identificar sua quantidade e estabelecer tipologias, tendo como parâmetros as relações de produção e de mercado.

Neste período, fomos também nos apropriando de metodologias de planejamento estratégico que foram úteis na redefinição do nosso trabalho a partir do conhecimento adquirido na pesquisa. Ao final de 1995 esta fase foi concluída.

Novas diretrizes foram estabelecidas e projetos formulados para serem executados no triênio seguinte. As principais inversões em relação ao período anterior foram:

- Concentração de ações em poucas localidades com grupos maiores de famílias, que se constituíssem em referência para cada uma das tipologias identificadas na pesquisa;
- Desenvolvimento de sistemas com sustentabilidade crescente a partir da realidade local e dos sistemas existentes, propiciando a apropriação de um conhecimento novo junto com o grupo participante.



A Intervenção: Estratégias e Metodologias

Tudo isso porque eu tive um conhecimento novo. Tudo isso para nós termos o prazer de criarmos a nossa família e criar a sociedade. Tenho o prazer de plantar, colher, comer, vender e pagar nossos débitos com o banco com o meu suor e de minha família.

Ademário dos Santos Silva
Riacho das Ostras, Prado - BA

Difusão Agroflorestal: Ações e Estratégias

O Terra Viva partiu da convicção de que, especialmente no Extremo Sul da Bahia, a disseminação e a adoção em larga escala de sistemas agroflorestais de produção, nas comunidades de agricultura familiar tradicional e nas áreas de reforma agrária, são condicionantes não só para a sustentabilidade das comunidades e para a reprodução das famílias na agricultura, mas também para a preservação de importantes remanescentes de Mata Atlântica. Estes estão no entorno das propriedades exploradas pela agricultura familiar, na sua maior parte incluídos nos Parques Nacionais do Descobrimento, do Monte Pascoal e do Pau Brasil, ou como importantes fragmentos necessários à conectividade e conservação da Mata Atlântica.



Para colocar em prática essa convicção, o Terra Viva, desde 1996, passou a executar, com o apoio do PDA-PPG7, o programa de Desenvolvimento de Sistemas Sustentáveis de Produção Agrícola e Preservação Ambiental. O programa articula múltiplas estratégias: educação, metodologias participativas, acompanhamento técnico, publicações, apoio material e logístico. Esses elementos têm proporcionado uma forte apropriação social das ferramentas de desenvolvimento local sustentável.

Entendemos por implantação em escala, a implantação, por conta própria da família, de parcelas comerciais de sistemas agroflorestais, além da área demonstrativa apoiada pelo Terra Viva. Em alguns casos, essas novas parcelas são feitas com financiamento do Pronaf (Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar).



Mais importante que o crédito, são as reuniões das lideranças e do Terra Viva com os agricultores. Isso ajuda a criar fatores muito importantes: a consciência ecológica, a valorização do conhecimento local e o pensamento na sustentabilidade ambiental e familiar, pois fruta por si só não leva a nada.

Paulo Melgaço
Gerente Regional de Extensão -
EBDA

De 2000 a 2003 - ano em que foi feita a sistematização - o programa concentrou suas ações no assentamento Riacho das Ostras, vizinho do Parque do Descobrimento, no município do Prado; nas comunidades de Aruanda, Lembrança, Fortuna e Libertadora, no município de Itanhém, que é Zona de Amortecimento da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica do Extremo Sul da Bahia; nas comunidades de Barra do Buri, Abril, Gado Bravo e Farinha Lavada, no município de Jucuruçu; e no assentamento Santo Agostinho, no município de Itamaraju. Estes dois últimos municípios estão no Vale do Rio Jucuruçu, considerado de prioridade máxima para conservação.

Estas são comunidades de agricultura familiar, por nós identificadas como: agricultura familiar tradicional e agricultura familiar de reforma agrária. Nestas comunidades vivem aproximadamente 400 famílias em lotes individuais que variam de cinco a 60 hectares.

Agricultura familiar tradicional: aquela em que as famílias têm uma relação mais antiga (acima de 30 anos) com a terra, menos dependência de assessoria externa e maior independência do ponto de vista da segurança alimentar e da diversificação da produção.

Agricultura de reforma agrária: relação mais recente com a terra (no máximo 15 anos). Praticada por famílias que vieram, em geral, da periferia das grandes cidades. Apresentam muita dependência de assessoria externa.

Todas as ações, executadas em parceria com associações locais e Sindicatos de Trabalhadores Rurais, desencadearam novos processos de implantação de sistemas e geração de conhecimentos que resultaram em profundas mudanças, descritas ao longo deste texto, nos sistemas produtivos de mais de 230 famílias de agricultores. Isso implicou na implantação em escala de sistemas agroflorestais e na demarcação e início de recuperação de muitas áreas de preservação permanente, como nascentes e áreas ciliares.



RIO



As estratégias desenvolvidas

Um fato fundamental da realidade do nosso trabalho é que as mudanças no modo de ocupação da paisagem são decididas pelos agricultores e agricultoras, que executam estas mudanças em suas comunidades. São ações de desenvolvimento de sistemas agroflorestais, que prestam importantes serviços ambientais, e de preservação e recuperação de ecossistemas naturais.

Provocando “Estalos”

A questão fundamental é levar os agricultores e agricultoras a refletir sobre sua situação e a de sua propriedade, permitindo identificar as principais mudanças necessárias na terra e na família. Essas mudanças nas propriedades familiares compõem uma convergência coletiva da comunidade para um plano de desenvolvimento local ecológico: ambiental, social e economicamente sustentável.

Estas mudanças, como as percebemos, implicam em re-elaborações de conhecimento, no modo de pensar, no sistema de crenças e valores dos agricultores e agricultoras. São mudanças que se operam nos indivíduos, nas relações humanas e nas relações humano – meio ambiente, e que demandam tempo de acumulação para que resultem em mudanças tangíveis no ecossistema local.

Aconteceu:

No Assentamento Riacho das Ostras, onde, após um intenso processo de diagnóstico participativo e de capacitações técnicas, a comunidade passou a entender o processo de ciclagem de nutrientes envolvendo os microorganismos do solo, muito mais interessantes que a transferência de nutrientes – em especial o potássio - que ocorre após a queimada. Isso permitiu uma redução de 80% no número de agricultores que praticam queimadas na comunidade.

Uma condição essencial para que este processo se inicie é o “estalo” dos indivíduos, ou seja, a sua sensibilização para a necessidade de mais árvores em sua propriedade, para uma maior geração de renda, garantia de segurança alimentar ou outro motivo. O importante é discutir e levantar, junto às famílias, as necessidades de sua propriedade e as potencialidades dos SAFs, criando, assim, o desejo de mudança e o desejo de implantação.

É necessário criar mobilização social e participação efetiva para que os sistemas de produção e o modo de ocupação sejam alterados. Nesta situação inicial, a realização do Diagnóstico Participativo é muito eficaz. Um grupo muito significativo percebe clara e coletivamente as dimensões da degradação ambiental e a desestruturação de seus sistemas de produção com problemas para se consolidar, devido à baixíssima sustentabilidade.

Aconteceu:

Em Gado Bravo e Barra do Buri, as comunidades, após refletirem no processo de diagnóstico participativo sobre as implicações do desmatamento para o assoreamento do Rio Gado Bravo e para a secagem das nascentes que fornecem água para a comunidade, decidiram recuperar algumas nascentes da região, utilizando SAF com base em cacau.

Em cada uma destas fases as estratégias utilizadas podem ser as mesmas para objetivos diferentes. Por exemplo: nos momentos comunitários para sensibilização das comunidades, utilizam-se informações e discussões político-estruturais, que permitam refletir acerca da sustentabilidade da agricultura familiar e da preservação ambiental. Após sensibilizados, dá-se maior importância a informações, discussões e à produção de conhecimentos técnicos e práticos que ajudem no dia-a-dia das áreas agroflorestais.

Aconteceu:

Nas comunidades de Lembrança e Libertadora, em Itanhém, os agricultores diminuíram, em 80%, o uso do Formicida, após entenderem, em um curso oferecido pelo Terra Viva, STR e Associação Local, que o inseticida necessita estar em contato apenas com o ninho.

Com o “estalo” instalado no grupo, desencadeiam-se processos efetivos de execução de mudanças, envolvendo muitas atividades articuladas, integrando vários atores, parcerias permanentes e pontuais. A maior parte do esforço estratégico empreendido pelo Terra Viva tem três eixos:

- 1. Desenvolvimento de processos educativos;**
- 2. Apoio técnico e logístico para a implantação de sistemas agroflorestais e de preservação permanente;**
- 3. Articulação de parcerias institucionais.**

1

Processos Educativos

DRPA - Diagnóstico Rápido e Participativo de Agroecossistemas

A metodologia do DRPA - Diagnóstico Rápido Participativo de Agroecossistemas foi um dos ganhos da articulação na rede PTA. Utilizamos muito esta ferramenta, por sua eficácia e efetividade na mobilização local para um estudo participativo do ambiente, dos sistemas de produção, ou de outras temáticas ou focos que o grupo propõe investigar.

O princípio metodológico é a organização e geração participativa do conhecimento e os procedimentos metodológicos são orientados para estimular a manifestação de cada indivíduo participante, considerando as diversidades de gênero e geração.

Cada diagnóstico tem as suas especificidades decorrentes do contexto sócio ambiental, do grupo executor, dos objetivos estabelecidos. Portanto, não é possível consolidar um modelo metodológico definitivo, mas é muito útil nos referenciarmos no acúmulo de experiências realizadas, no exercício de aplicação do método.

Descreveremos brevemente o processo realizado no Assentamento Riacho das Ostras, nas comunidades de Aruanda/ Lembrança e Fortuna, em Itanhém, e nas comunidades do vale do Rio Jucuruçu. Nossa intenção é proporcionar elementos para disseminação da metodologia, que, sem mistificação, é muito útil para a releitura das relações sociedade local/meio ambiente e uma excelente ferramenta de mobilização e de educação ambiental.



O passo inicial foi a constituição da equipe do diagnóstico. Esta equipe foi constituída, no caso do Riacho das Ostras, de técnicos da equipe do Terra Viva, da Universidade Estadual da Bahia, do Cepedes-Centro de Pesquisas e Estudos para o Desenvolvimento do Extremo Sul da Bahia, estagiários da Universidade e representantes da Associação local. Nos demais locais, a equipe foi formada pelos técnicos do Terra Viva e lideranças locais das associações e STRs. A equipe definiu os roteiros, coordenou a aplicação das técnicas, analisou e sistematizou as informações obtidas.

Os eixos temáticos definidos nos DRPs foram: História da comunidade; Paisagem; Sistemas de Agricultura; Sistemas de Criação Animal; Economia e Mercado; e Educação. Como são muitas informações, é muito importante definir claramente os objetivos do trabalho, quais são as informações realmente relevantes e necessárias e quais são as técnicas mais adequadas para obtê-las.

A partir dos temas, foi definido um roteiro de perguntas-chave para orientar os aplicadores do método. Não é um questionário, mas um apoio, uma orientação para a vivência das técnicas, que são procedimentos que favorecem e propiciam a expressão dos participantes.

O DRP me fez fazer uma viagem ao passado e comparar com o presente. Ajudou a ver as coisas com mais clareza e a rever como era a situação. Acordei para a idéia que, preservando o patrimônio, preserve-se a família e o vizinho e que a falta de madeira, as erosões, as queimadas, isso é falta de informação.

Ernandes Longo
(Barra do Buri, Jucuruçu - BA)



Quais Técnicas Utilizamos

Entrevistas individuais e em grupos

As entrevistas foram semi-estruturadas, realizadas com lideranças e pessoas chave da localidade.

As entrevistas em grupo foram realizadas apenas no Assentamento Riacho das Ostras e em Itanhém, com segmentos da sociedade local: grupos de famílias, de mulheres, homens, crianças. Esta técnica foi realizada com pequenos grupos, de 6 a 10 pessoas, formando uma “roda de conversa” orientada, como nas entrevistas individuais, por um roteiro semi-estruturado na temática que se desejava abordar.

Caminhadas transversais

As caminhadas transversais são momentos privilegiados de estudo da paisagem, de reflexão sobre a degradação ambiental e dos recursos de produção. Foram realizadas caminhadas no Assentamento Riacho das Ostras, nas comunidades do Vale do Jucuruçu e na comunidade de Aruanda, em Itanhém, com boa participação das famílias. As caminhadas seguiram um roteiro pré definido, passando obrigatoriamente por todas as unidades da paisagem. Em diversos pontos foram realizadas paradas, com reflexão e estudo dos elementos do agroecossistema e/ou ecossistema visitado.

Os participantes foram convidados a dar depoimentos, explicar itinerários, expor opiniões. Foi importante ter formulado um roteiro semi-estruturado previamente. Porém, mantivemos a flexibilidade para desenvolver a estimulação do debate com base nas reflexões processadas pelo grupo de participantes.

Aconteceu:

As caminhadas transversais, realizadas no processo de Diagnóstico no Assentamento Riacho das Ostras, possibilitaram aos agricultores, à associação local e ao Terra Viva, visualizar e entender que uma grande infestação de formigas impossibilitaria a implantação de SAFs, o que resultou em um programa integrado de controle.

As caminhadas foram essenciais para gerar um impacto no coletivo, uma constatação participada da gravidade dos problemas atuais e a falta de perspectiva de futuro com a permanência do modo de ocupação que eles realizavam. Este fato foi fundamental na disposição e participação para a implantação dos sistemas agroflorestais.



Diagrama de Venn

A utilização do diagrama de Venn foi modificada. Originalmente, é utilizado para verificar e discutir a influência e a participação de instituições na vida da comunidade. Nos nossos DRPs, utilizamos a técnica para discutir e analisar a contribuição, a importância e entraves que as culturas (sistemas de produção – cacau, café, banana, galinha, porco, boi) desempenham para a vida da comunidade.

Assim, foram analisadas a participação e influência de cada nicho produtivo para a renda familiar, para a segurança e qualidade alimentar, para a participação do trabalho da mulher e do jovem e conseqüente distribuição de poder.

Atores Envolvidos na Lavoura Cacaueira

A técnica, inspirada no diagrama de Venn, não tem um nome específico. Foi utilizada no vale do Jucuruçu, município de Jucuruçu, em 2001, com a direção das Associações dos Pequenos Produtores Rurais de Coqueiro Região e dos Pequenos Produtores do Assentamento de Santo Agostinho, do Sindicato dos Trabalhadores Rurais do Vale do Jucuruçu e com as famílias envolvidas no projeto.

O objetivo foi identificar os atores que atuam no cenário da lavoura cacaueira e a relação entre eles na visão dos agricultores. A dinâmica subsidiou o planejamento das atividades nas áreas de cacau, observando os aspectos políticos, econômicos e ambientais.

Importância das Culturas e Criações para a Família

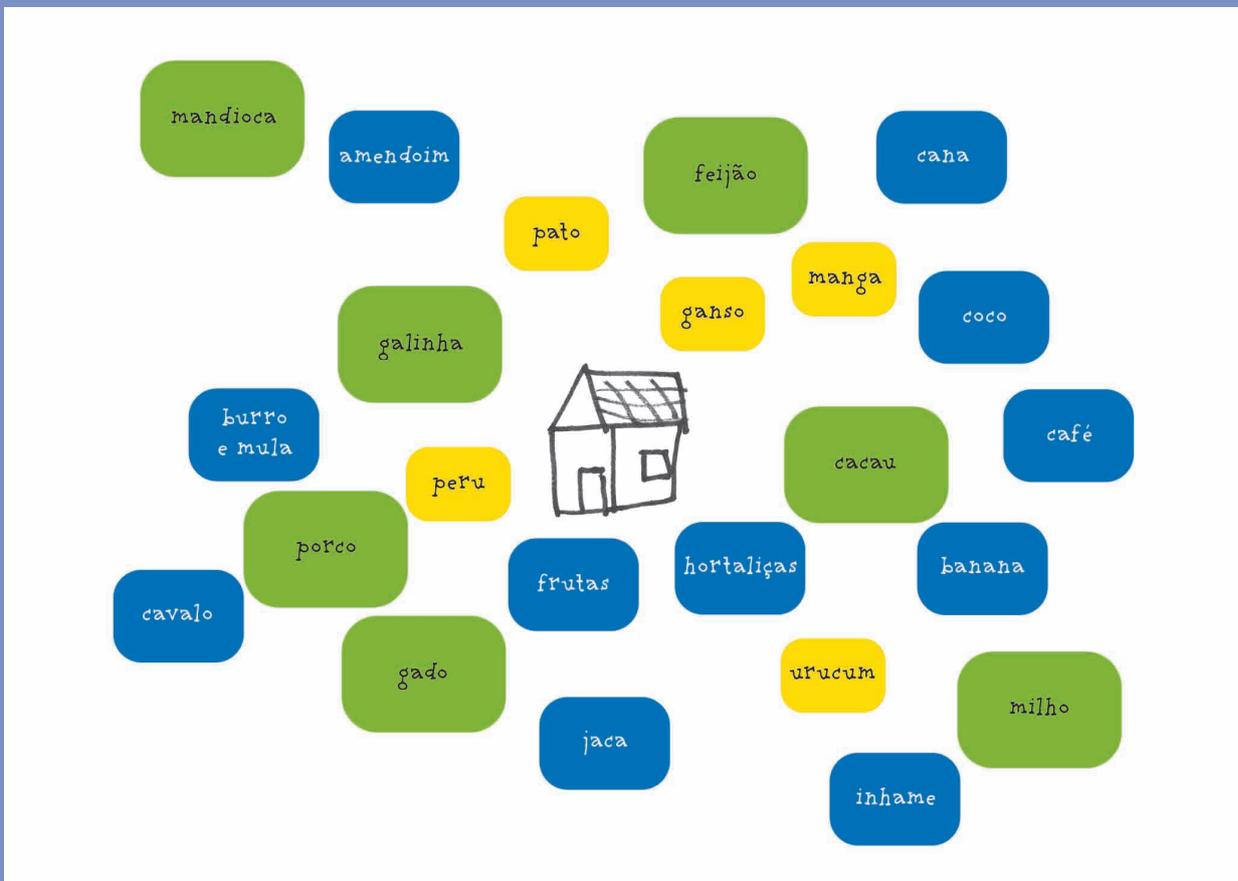
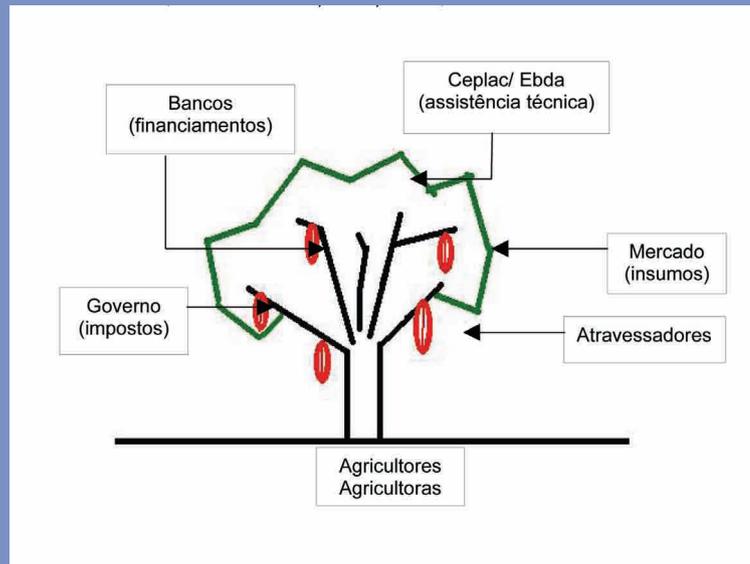
Adaptação do diagrama de Venn para os cultivos e criações das famílias envolvidas no projeto. A técnica foi realizada durante o DRP inicial no vale do Jucuruçu, no ano de 1999. O objetivo foi identificar a importância (social, econômica e ambiental) que as famílias atribuíam aos cultivos e criações.

A Realidade Apresentada pelos Agricultores e Agricultoras:

Os agricultores e agricultoras sustentam não só as lavouras, mas toda a cadeia produtiva, sendo que os ganhos (representados pelos frutos) ficam com os atravessadores, mercado de insumos, bancos e governo.

A Ceplac e Ebda estão distante da realidade dos agricultores e agricultoras, sendo que suas inserções quando acontecem reforçam a dependência de quem sustenta toda a cadeia, colocando-os/as a serviço de um sistema onde existe um evidente desequilíbrio entre beneficiados e prejudicados/as.

O grupo iniciou a discussão da necessidade de reverter esse quadro, de como seria a disposição e atuação dos atores envolvidos, e quais as estratégias necessárias para a construção do cenário ideal.



Outras técnicas

Na época de realização do diagnóstico, contamos com o apoio de parceiros e estagiários, ampliando nossa capacidade e nossa abordagem temática. A participação local também favoreceu muito a execução de várias técnicas de diagnóstico e estudos do contexto socioambiental das comunidades. Outras técnicas aplicadas foram: o calendário sazonal (calendário de produção, chuvas, plantios, colheitas, demanda de mão de obra etc.); e a rotina diária (gráficos com a rotina de trabalho, lazer etc. das famílias envolvidas).



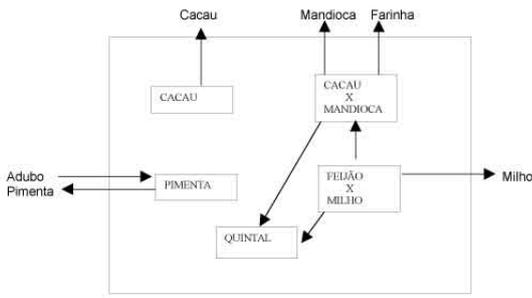
Realizamos também monitoramentos produtivos amplos - como no caso das comunidades Gado Bravo e Barra do Buri, em Jucuruçu, e de Auanda, em Itanhém, onde pesquisamos a produção total de todos os produtos advindos das propriedades, e fizemos estudos focados em culturas específicas. O resultado dos levantamentos era utilizado para debates com os agricultores. No processo de DRP, preparamos diagramas que mostravam, por exemplo, a diferença entre sistemas mais e menos diversificados:

Exemplo de calendário sazonal

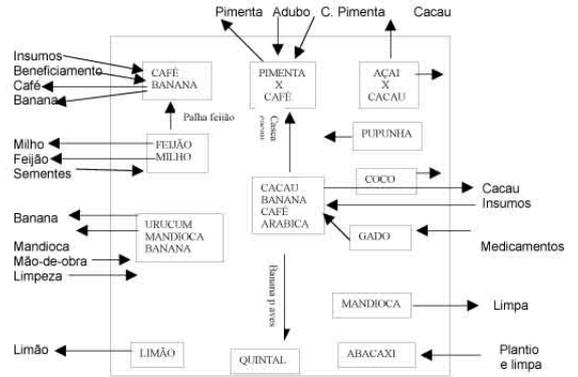
Atividades importantes	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Plantio de maniva			•						•	•		
Limpa da mandioca				•						•	•	
Fazer farinha	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•
Plantio do feijão			•	•	•							
Limpa do feijão				•	•							
Colheita do feijão					•	•						
Plantio do milho			•	•	•			•	•			
Limpa do milho				•	•				•			
Colheita do milho	•					•						
Plantio do amendoim			•							•		
Limpa do amendoim				•							•	
Colheita do amendoim	•					•						
Cuida do gado	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•
Vacina do gado		•							•			
Produz mais leite		•	•	•	•	•						
Conserta e acera a cerca	•						•	•				•
Cuida dos porcos	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•
Cuida das frutas	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•
Limpa das frutas	•						•					
Colheita das frutas			••	•	•	•	•			•	•	••
Colheita do corante	•					•	•					•
Controla as pragas	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•
Falta mão de obra			•	•	•	•						

INTERAÇÃO ENTRE OS SUBSISTEMAS

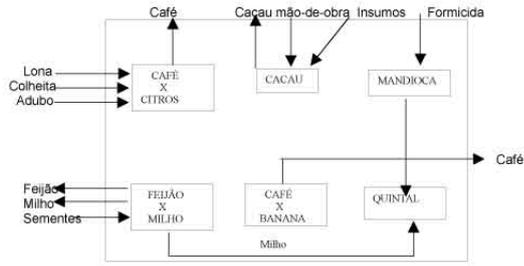
Produtor Pouco Diversificado



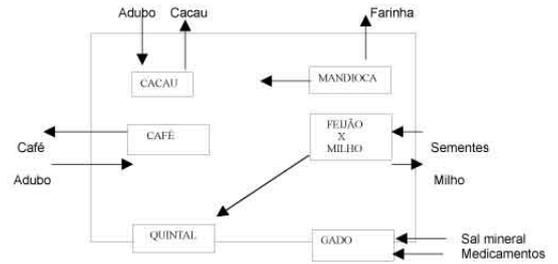
Produtor Bem Diversificado Com Gado



Produtor Pouco Diversificado Com Café Solteiro



Produtor Pouco Diversificado Com Gado



Monitoramos a cultura da banana em Aruanda, Itanhém, verificando a produção, doenças e mercado. Fizemos um estudo temático específico sobre a formiga, identificado como problema seríssimo no assentamento Riacho das Ostras. E realizamos censos populacionais e de educação, verificando quem estava estudando ou não, quantas mulheres, quantos homens, média de anos de estudo dos membros do assentamento, crianças e jovens em idade escolar e fora dela, idade dos que estavam em sala de aula e outras informações.



O intercâmbio
anima muito as
pessoas, as visitas
dentro e fora
ajudam a animar.
Quando cheguei
não tinha nenhuma
parte da idéia que
tenho hoje, depois
que eu “encaixotei”
isso aí na idéia,
isso aí é pra meus
netos, bisnetos.

Sabino Coelho

(Riacho das Ostras, Prado – BA)

6 Exemplo: Negociações em 1998, com o Banco do Nordeste, permitiram flexibilizar a aplicação de normativas do Procerca – Programa de Crédito Especial para Áreas de Reforma Agrária, garantindo a aquisição de recursos financeiros pelas famílias para implantação de SAFs de frutíferas no Assentamento Riacho das Ostras.

7 Agricultores que testam um grande número de técnicas e espécies agroflorestais, facilitando o intercâmbio.

8 Serviço de Assessoria as Organizações Populares Rurais.

9 Instituto de Estudos Sócio Ambientais do Sul da Bahia.

10 Cooperativa dos Produtores Orgânicos do Sul da Bahia.

11 Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira / Centro de Pesquisas do Cacau.

12 Associação de Programas em Tecnologia Alternativa.

13 Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata.

14 Centro de Agricultura Alternativa do Norte de Minas.

Intercâmbios

Os intercâmbios constituíram, no processo de difusão de SAFs, o principal fomentador da “vontade de plantar”. Apesar de o DRP garantir a sensibilização, o intercâmbio permite aos agricultores o contato com quem já faz, com quem já está na prática. Possibilita sentir nos relatos as dificuldades e os avanços; e dá ânimo novo, provocado pela gama de conhecimentos gerados e pela intensa troca cultural que acontece.

Os intercâmbios têm duas finalidades básicas, distintas entre si, porém não separadas: a formação político-conceitual e a formação técnico-operacional.

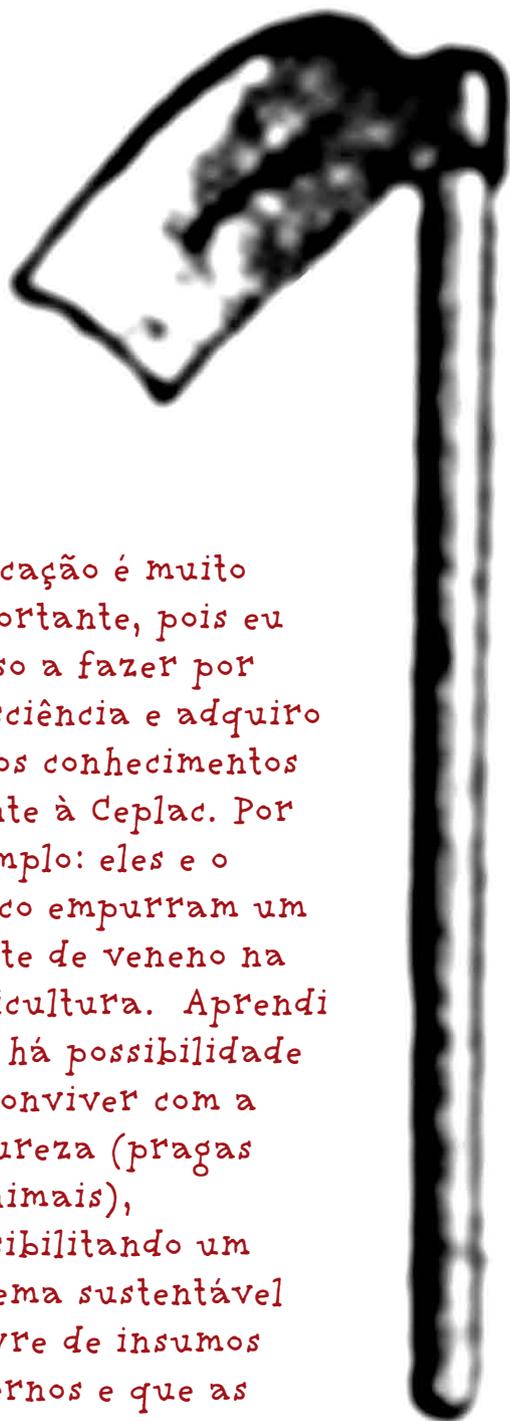
A **formação político - conceitual** é aquela provocada pelo contato entre lideranças, técnicos e agricultores, que lhes permite reconhecer e discutir a estrutura política em que os SAFs se inserem: a luta em busca da sustentabilidade, pela valorização da agricultura familiar, pela revisão das legislações⁶, pela comercialização solidária. Em suma, há uma formação que tenta inserir os Sistemas Agroflorestais como macro política de desenvolvimento para a região.

Espera-se ainda do intercâmbio uma **formação técnico-operacional**. Como é dito popularmente entre os agricultores, eles esperam aprender algo que sirva para ajudá-los na condução de seu SAF lá em suas propriedades - uma formação prática em manejo, adubação, podas etc.

O Terra Viva apóia e provoca dois tipos de intercâmbio entre os agricultores atendidos/envolvidos: o intercâmbio interno e o externo.

No intercâmbio interno, realizado entre os agricultores atendidos nas três localidades (Riacho das Ostras, Itanhém e Vale do Rio Jucuruçu), buscou-se, além das formações, a constituição do sentimento de grupo. Os agricultores passaram a compreender que fazem parte de um grande corpo que busca saídas para problemas que atingem de uma forma geral toda a agricultura familiar e preservação ambiental no Extremo Sul da Bahia. Ele não está sozinho. Pode estar implantando uma técnica que, por mais simples ou complexa que seja, alguém está precisando dela, assim como ele precisa dos conhecimentos gerados pelo companheiro de outro município ou comunidade. Na maioria dos casos, os agricultores-experimentadores⁷ contribuem para a realização dos intercâmbios em suas propriedades, recebendo outros agricultores, disponibilizando tempo para formar outras comunidades etc.

O intercâmbio externo é necessário pelo acúmulo de conhecimento existente em outras localidades fora do Extremo Sul da Bahia, que em muito contribuem com aporte de conhecimentos para o público por nós assessorado. As principais experiências visitadas foram: implantação de sistemas agroflorestais do Sasop⁸ (Baixo-Sul da Bahia), produção e certificação de produtos orgânicos no IESB⁹ e na Cabruca¹⁰, convivência com a doença vassoura-de-bruxa no cacau na Ceplac/cepec¹¹ (Sul da Bahia), café agroflorestal na APTA¹² (Espírito Santo), implantação e monitoramento de SAFs no CTA-ZM¹³ (Zona da Mata de Minas Gerais), produção e comercialização de polpas de frutas no CAA-NM¹⁴ e polpa de frutas Grande Sertão (Norte de Minas Gerais).



Educação é muito importante, pois eu passo a fazer por consciência e adquiero novos conhecimentos frente à Ceplac. Por exemplo: eles e o banco empurram um monte de veneno na agricultura. Aprendi que há possibilidade de conviver com a natureza (pragas e animais), possibilitando um sistema sustentável e livre de insumos externos e que as plantas têm diferentes formas de nos ajudar (cerca, alimento, madeira...)

Djalma do Amaral
(Barra do Buri, Jucuruçu – BA)

Formações específicas

Com o objetivo de aprimorar tecnicamente os conhecimentos agroflorestais, freqüentemente aconteceram, em conjunto com as comunidades e entidades parceiras, formações específicas – cursos, oficinas etc. Essas formações tratam de conhecimentos técnicos em determinadas áreas, como: beneficiamento, podas, adubações, enxertia, plantio, biofertilizantes etc.

Os cursos e oficinas obedecem à distribuição dos agricultores pelas comunidades, formando turmas de 15 a 30 agricultores (as) de uma mesma comunidade. O período de execução depende da temática, não obedecendo a uma quantidade determinada de dias.

Principais cursos realizados	Quantidade
Enxertia e multiplicação de fruteiras	03
Produção de manga	01
Produção de abacaxi	01
Produção de banana	01
Recuperação agroecológica de cacau	01
Controle de formigas cortadeiras	01
Beneficiamento: higiene e industrialização	02
Produção sustentável de mandioca	01
Introdução de árvores adubadeiras	03
Implantação de cerca viva	02
Beneficiamento de banana	01
Compostagem	02
Controle de erosão	03

Tudo começa com a conversa. O contato ajuda na união e na difusão. É preciso trocar idéias na irmandade. Nos momentos de avaliação e nas reuniões, sempre existe conhecimento: podas, novas mudas...

Sebastião Teles
(Gado Bravo, Jucuruçu – BA)

Formação cotidiana

Consideramos formação cotidiana a constante troca de idéias e informações que acontece nos grupos de viveiro e nas visitas técnicas. Este trânsito de conhecimentos, apesar de não termos quantificado o seu impacto qualitativo no grupo, que apenas empiricamente o determina como importante, enriquece tanto os técnicos quanto os/as agricultores(as). É sempre encorajado, mas só efetivado após a confiança mútua, alcançada apenas com um maior tempo de relacionamento entre técnicos, lideranças e agricultores.

Os grupos formados em função dos viveiros são ótimas oportunidades de formação, visto que ali se alia o trabalho prático à discussão política e técnica das atividades desenvolvidas e o seu desenrolar na comunidade.



Seminários

Os seminários acontecem tratando de um ou mais temas e são realizados nos municípios ou regionalmente, com o intuito de colocar em debate temas atualmente em questão. Trazem uma ampla variedade de assuntos e provocam a sociedade regional para a discussão.

No entanto, o que é importante para a realização dos seminários é a discussão dos temas atuais à luz das experiências desenvolvidas pelos agricultores. A legitimidade dos agricultores e a experiência prática fomentando o debate facilitam a discussão e influenciam diretamente na qualidade intelectual dos eventos.

Foram realizados três seminários com os seguintes temas:

- Produção sustentável da agricultura familiar: disseminação das propostas implantadas em Itanhém.
- Agricultura familiar e agroecologia: proposta de desenvolvimento para o Extremo Sul da Bahia.
- Agricultura familiar e agroecologia: integração de propostas populares e governamentais para o desenvolvimento regional sustentável.

Eu vi que estava tomando prejuízo com minha propriedade, analisei e dei ouvidos às novidades e experiências. Num seminário sai dez experiências, você escolhe duas ou três e leva pra sua roça.

Eulália Pereira
(Riacho das Ostras, Prado – BA)

*Foi depois da
Cartilha de Seu
Tião que eu
descobri e passei
a acreditar que
isso dá lucro
também.*

Sebastião Teodoro
(Lembrança – Itanhém – BA)

Publicações

As publicações retrataram experiências bem sucedidas na implantação de processos locais. Na maioria das vezes, relatavam experiências de implantação de áreas agroflorestais, como:

- A cartilha “A AGROFLORESTA DE SEU TIÃO” e sua segunda edição, “A AGROFLORESTA DE SEU TIÃO E DONA ANA”: tratam da implantação de agrofloresta com consórcio de fruteiras tropicais e que teve monitorada a sua produção. Esta área tornou-se referência para as outras comunidades atendidas pelo Terra Viva. A segunda edição teve um recorte de gênero, relatando também o papel desempenhado pela esposa no processo de manejo da área e na comercialização.
- A cartilha “CACAU AGROECOLÓGICO”: retrata técnicas para incrementar e/ou fortalecer sistemas agroflorestais existentes, como no caso do cacau.

Aconteceu:

No Vale do Rio Jucuruçu, após a confecção da cartilha “Técnicas Para Deixar Seu Cacau Mais Ecológico”, foi montado um programa de discussões em outras comunidades, com vistas a aplicar as técnicas nela descritas.

- A cartilha “CRIAÇÃO DE PEIXES”: documenta a experiência bem sucedida do agricultor Hernandes Longo, que cria peixes alimentando-os com subprodutos de sistemas agroflorestais, como o cacau.

No processo de execução das publicações, levamos sempre em conta as particularidades do público local, principalmente a capacidade de leitura. Por isso, o Terra Viva publica materiais com muitos elementos visuais, facilitando o entendimento dos agricultores em geral.

Aconteceu:

A cartilha de produção familiar de peixes, em seu processo de concepção, incorporou as visões do agricultor experimentador “Seu Hernandes”, que sugeriu que os desenhos e fotos fossem valorizados, para facilitar a compreensão de seus companheiros.

É importante ressaltar que as publicações têm utilidade quando articuladas em um processo de formação, que valorize a vivência dos participantes. As cartilhas são importantes ferramentas de formação utilizadas no programa de formação agroecológica.

2 Apoio Técnico e Logístico

Aliado ao processo educacional, estrategicamente, é importante o apoio à implantação dos sistemas nas propriedades. Isso se deu de três formas: assistência técnica, construção de viveiros e fornecimento de sementes.



Estou interessada na recuperação da nascente, desde o acompanhamento dos técnicos. Acatei a informação e vi o que precisa ser feito pela segurança da água. A nascente precisa ser preservada, assim a água nunca vai secar.

Aloíza Vieira
(Aruanda, Itanhém – BA)

Assistência técnica

O papel dos técnicos, no processo de desenvolvimento dos sistemas agroflorestais, vai além da pura assistência técnica. Eles têm o papel de interagir com os agricultores e participar da vida da comunidade, pois desta interação depende a qualidade da intervenção da entidade na comunidade.

Além disso, o posicionamento dos técnicos do Terra Viva é de respeito aos conhecimentos locais; ouvem mais do que falam. O engajamento político-ideológico dos técnicos com a agroecologia é imprescindível para desempenhar esta função.

O Terra Viva busca otimizar o trabalho técnico. Normalmente, as visitas de acompanhamento às comunidades se deram a cada 15 dias, organizando visitas aos grupos e reuniões com os parceiros locais.

No entanto, existia uma constante cobrança por visitas individuais/familiares, que, segundo os agricultores, proporciona um efeito animador.

Uma visita técnica típica:

Na comunidade de Aruanda, em Itanhém, o técnico Fabiano reuniu nove agricultores, entre eles Dona Aloíza Vieira e, na propriedade dela, prestou esclarecimentos sobre quais espécies de peixes criados por eles se adaptariam à alimentação com subprodutos agroflorestais, bem como a dinâmica de fornecimento. Em quatro horas de trabalho, os nove agricultores(as) receberam as noções repassadas pelo técnico, viram a prática, discutiram as informações novas e retornaram às suas propriedades para aplicá-las.

Montagem de viveiros

Para diminuir os custos de implantação dos SAFs e garantir um espaço de discussão e animação do grupo de agroflorestadores, o Terra Viva fomentou a implantação de viveiros. Forneceu a tela para o isolamento, o sombrite e o arame para cobertura. A madeira e a mão-de-obra eram de responsabilidade do grupo de agricultores da localidade onde o viveiro seria instalado. Normalmente o grupo era constituído de seis famílias agricultoras.

Apenas no Assentamento Riacho das Ostras foram doadas mudas no início do plantio. Após um ano, a comunidade construiu seus viveiros, tornando-se independente na produção de mudas para implantação dos SAFs.

Em Itanhém, além dos viveiros de mudas, foram implantados, nas áreas de agricultores, quatro viveiros de mudas de banana, para fomentar a implantação de novas áreas daquela cultura em sistema agroflorestal. A parceria com a Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária), no fornecimento de mudas de espécies resistentes a doenças e com maior produtividade, foi importante. Nestes viveiros, o agricultor que tem a posse da área cuida do viveiro, colhendo a primeira safra de cachos e doando às famílias vizinhas 70% das mudas (no anexo 02 existe uma tabela com as quantidades de mudas plantadas).

Viveiros ajudam no consenso mais profundo, pois a gente pratica nas propriedades e nos viveiros, e as mudas também é muito importante, pois até as frutas mais comuns estavam sumindo, imagina as árvores!

Amílson Almeida
(Farinha Lavada, Jucuruçu – BA)



Fornecimento de sementes

O fornecimento de sementes ocorreu apenas em raros casos — exemplo: as comunidades de Córrego do Abril, em Jucuruçu, e Libertadora, em Itanhém, onde os agricultores vivem distantes um do outro, o que inviabilizava a construção de um viveiro. Nestes casos, o fomento se deu pelo fornecimento de sementes e sacolas para a confecção de pequenas quantidades de mudas em quintais.

No geral, independentemente da localização das famílias, desenvolveu-se um processo de reconhecimento e resgate das espécies florestais e frutíferas existentes nas comunidades, nos quintais e nos fragmentos florestais. Assim, o fornecimento de sementes foi necessário apenas em casos em que elas não foram encontradas nas comunidades, ou quando a variabilidade de espécies era baixa.

3

Articulação de Parcerias Institucionais

Parcerias locais

Uma estratégia intimamente ligada à capacidade do Terra Viva de disseminar sistemas agroflorestais são as parcerias existentes no campo de atuação da entidade.

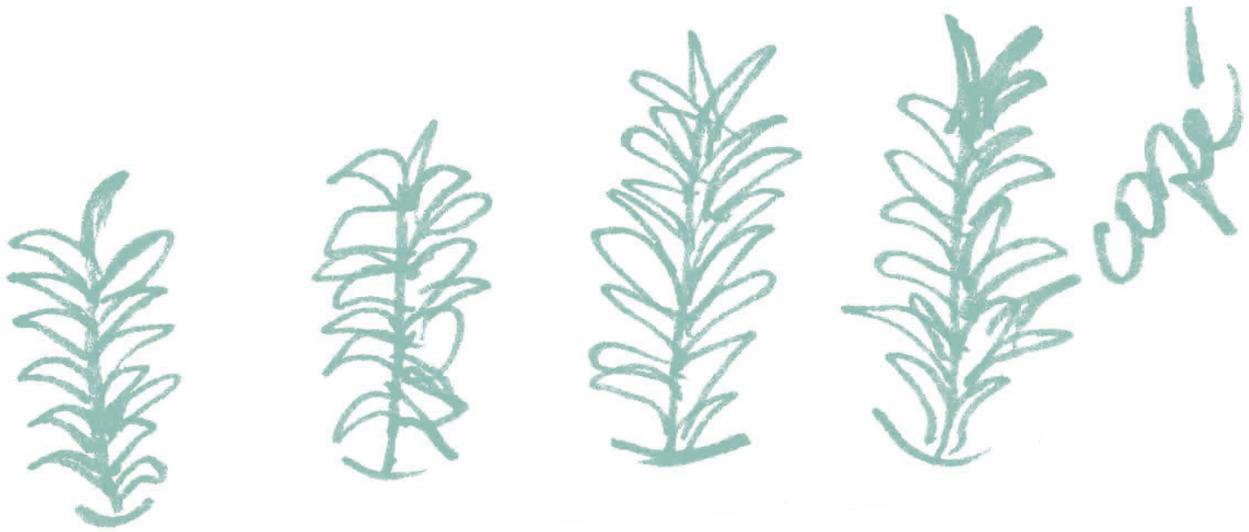
Os parceiros privilegiados do Terra Viva são as entidades representativas dos agricultores e agricultoras. Em diferentes instâncias de gestão, as ações são articuladas com os Sindicatos e Associações locais. No caso do projeto no município de Itanhém, os parceiros foram: Sindicato de Trabalhadores Rurais e Associação dos Pequenos Produtores Rurais de Itanhém. No Assentamento Riacho das Ostras, a parceria se constituiu com a Associação local; no Vale do Rio Jucuruçu, com as Associações de Coqueiro e de Santo Agostinho e com o Sindicato dos Trabalhadores Rurais do Vale do Rio Jucuruçu.

Outros parceiros importantes na execução do projeto foram: a UNEB (Universidade Estadual da Bahia), principalmente no tratamento das ações educativas, como o censo e o reforço escolar no Riacho das Ostras; a EBDA (Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola), na execução dos projetos de crédito; e a Embrapa/Centro de Mandioca e Fruticultura, pelo apoio técnico e fornecimento de material genético.

Sindicatos não têm condições materiais de fazer, mas têm uma forte articulação. Depois, o TERRA VIVA trouxe um grande apoio e as dificuldades diminuíram. Deu as mudas, a assistência e as sementes, foi um grande passo. Pois a gente brigava para não estragar a natureza, mas não saía do lugar.

Reinaldo Vieira
(STR – Itanhém – BA)



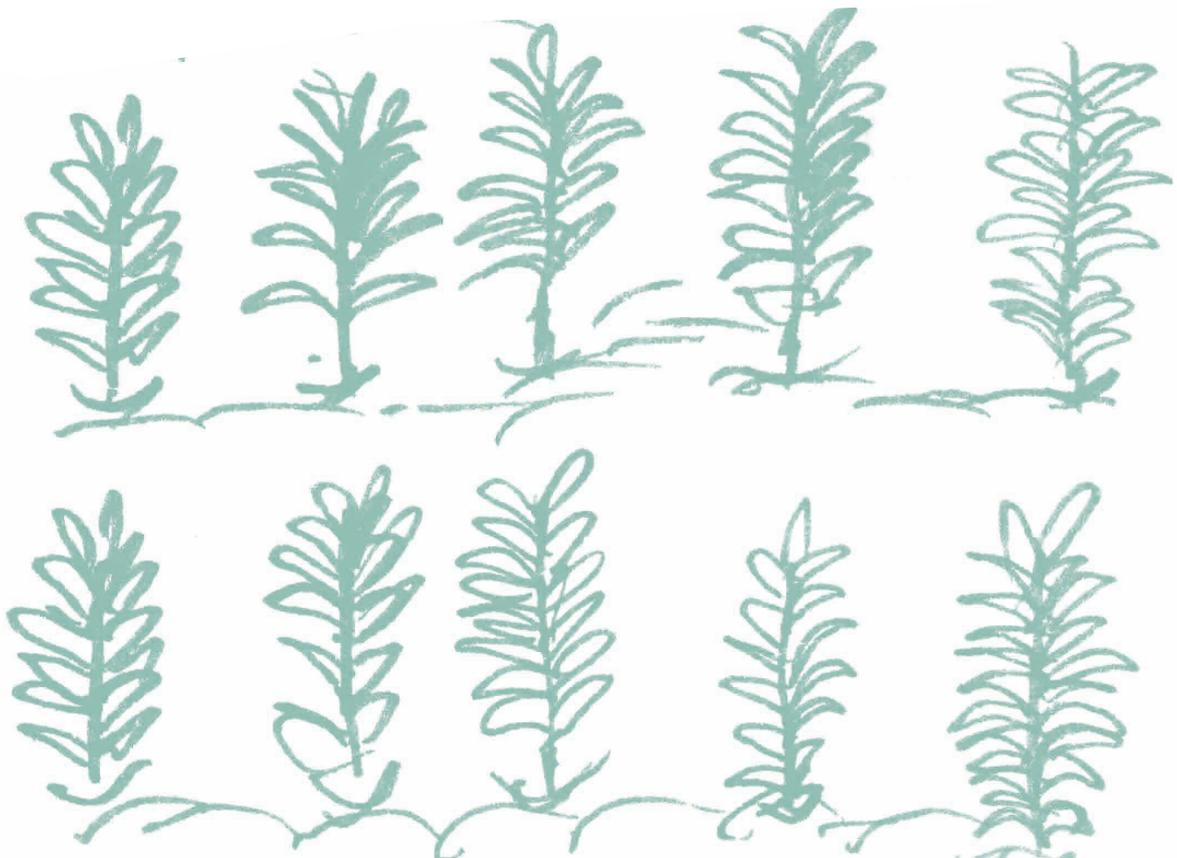


Parcerias Regionais

Estas parcerias são constituições estratégicas e fundamentais no processo de geração e acumulação de conhecimento novo. No nosso caso, a participação na Rede PTA foi fundamental para o acúmulo e grau de sucesso que atingimos. A aprendizagem possibilitada pelo intercâmbio permanente de técnicos e agricultores entre as entidades da rede, neste caso em especial do grupo que denominamos GT (Grupo de Trabalho) em Agroflorestação, ampliou nosso grau de acerto nas ações. Também nos sintonizou na construção de proposições viáveis e coerentes para políticas públicas que fortaleçam a agricultura familiar, como sujeito, e a agroecologia, como referência, para um desenvolvimento nacional sustentável.

Pra começar, a gente precisa conhecer, visitar, aprender o que os outros estão fazendo lá fora e levar o que a gente está fazendo também. Precisa mostrar, senão nunca a agricultura familiar muda.

Pedro dos Anjos
(STR – Vale do Jucuruçu – BA)



Resultados Alcançados com o Programa de Disseminação de Sistemas Sustentáveis de Produção Agrícola e Preservação Ambiental

Anualmente, o Terra Viva realiza um seminário de avaliação e monitoramento, com participação massiva dos agricultores assessorados – normalmente, reúnem-se, nessas ocasiões, acima de 100 pessoas. Nesses momentos, e também em outros momentos coletivos ao longo do ano, os técnicos incentivam o relato dos agricultores e os registram. Também anualmente realizam-se aferições com as famílias e associações locais, o que permite que a instituição realize levantamentos diretos sobre aspectos da realidade que estão monitorando. E, na prática cotidiana com as famílias, os técnicos fazem também suas anotações. (Ver exemplo de histórico de uma família acompanhada pelo Terra Viva no anexo 3).



O conjunto dessas informações permite ao Terra Viva e aos agricultores ter uma medida dos efeitos das ações realizadas e do impacto da intervenção. Com base nessas avaliações, o Terra Viva considera que o programa alcançou alguns importantes resultados:

- Aumento do interesse por cultivos arbóreos.
- Implantação de aproximadamente 200 hectares de sistemas agroflorestais diversificados, baseados economicamente na fruticultura tropical, no cacau e na banana.
- Consolidação de uma produção de aproximadamente 80 toneladas de frutas/ano no assentamento Riacho das Ostras, 10 toneladas de banana/mês e 8000 frutos/ano de abacaxi em Itanhém; 300 sacas/ano de cacau e 400 sacas/ano de café no Vale do Jucuruçu.
- Demarcação das áreas de reserva e preservação permanente por seis famílias participantes.
- Envolvimento da EBDA no processo de implantação, o que acabou por sensibilizar alguns técnicos estatais para a agroecologia.
- Validação da cultura do urucum (*Bixa orellana*) como cultivo arbóreo importante para a sustentabilidade econômica dos sistemas agroflorestais familiares no assentamento Riacho das Ostras.
- Contribuição efetiva na consolidação do Parque Nacional do Descobrimento, entre os moradores dos lotes vizinhos ao Parque e de áreas de fragmentos florestais atlânticos nos demais municípios.
- Aumento do interesse pelo resgate de espécies nativas da Mata Atlântica, como por exemplo na comunidade de Aruanda, onde alguns agricultores passaram a plantar espécies como o Guapuruvu (nativa), no lugar de espécies como o eucalipto.
- Adoção, nos cultivos convencionais, de práticas utilizadas nos SAFs. Exemplo disto é a disseminação das técnicas de amontoa de restos vegetais, evitando a queimada. Essas técnicas passaram a ser utilizadas também nos cultivos de mandioca de 15 famílias participantes.
- Aumento do nível de consciência ecológica, como comprova a diminuição das queimadas, as ações de reflorestamento de nascentes etc..
- Inclusão dos jovens e mulheres na vida associativa das comunidades. As diretorias das associações passaram a incluir, nas chapas de eleições, as mulheres. Também foram criados grupos informais de mulheres.
- Acúmulo, por parte da entidade, de métodos e experiência no campo educacional.
- Aumento do nível de organização das comunidades.

Hoje está muito melhor; se o sujeito entrar na minha roça, ele não sai com fome. Antigamente eu comprava Tang para tomar suco, hoje não compro mais. Já estou vendendo graviola, pimenta do reino, estaca de gliricídia e não compro mais café. O importante é a diversidade, até a EBDA está permitindo o plantio consorciado com o café. O fogo era a arma, hoje caiu bastante. O Riacho é um exemplo para o quadro técnico da EBDA e para os produtores por eles assistidos.

Falas de diferentes agricultores e técnicos durante as oficinas populares

Dificuldades

- **Baixo envolvimento do poder público:** apesar de ter havido participação do poder público em alguns momentos, o Terra Viva e os seus parceiros consideram que esta participação ainda é deficiente. Ela deve ser mais efetiva, principalmente para garantir a difusão em massa das propostas agroecológicas nas demais comunidades dos municípios onde atuamos e outros da região.
- **Comercialização ainda em fase experimental:** todas as comunidades assessoradas pelo Terra Viva que desenvolvem ações de geração de renda - existem comunidades onde se atua apenas com formação - já possuem produção suficiente para entrar no mercado. No entanto, a construção de estratégias de comercialização que valorizem a qualidade social e ambiental agregada aos produtos ainda está em fase experimental.
- **Ineficiência das ações de comunicação:** as ações de comunicação desenvolvidas pela entidade, na maioria das vezes, buscou a difusão da informação "para dentro", principalmente com a edição de cartilhas. No entanto, a reflexão existente é de que a sociedade em geral pouco conhece do nosso trabalho. Neste sentido, faz-se necessária a construção e implantação de um plano de comunicação institucional.

Para reforçar a idéia, o poder público tem que ser envolvido. Precisamos cobrar mais ações dos órgãos municipais. Os prefeitos querem trabalhar sozinhos, mas eles são procuradores do povo. Se o poder público se envolver, seria uma forma de envolver outras comunidades, regiões, estados. E não esquecer da experiência e atuação da CEPLAC e da EBDA.

Agricultores e lideranças

Desafios à Consolidação

Políticas públicas

Apesar do *status* diferenciado da região, pela sua importância histórica, cultural e ecológica, não existe um tratamento correspondente pelos órgãos executores de políticas públicas no campo da agricultura familiar, fazendo com que os problemas que permeiam no Brasil se reproduzam aqui.

A ausência de planejamento e ações integradas de organismos governamentais conduz a uma política fragmentada e por vezes conflitante.

A falta de capacidade técnica nas estruturas de assistência governamentais e das cooperativas de assentados induz a uma uniformização de projetos de crédito e dos sistemas de produção. Não permite um estudo adequado ou o desenvolvimento de metodologias participativas para geração de um conhecimento mais apropriado para a construção de planos de desenvolvimento locais que respeitem a agroecologia e as diversidades reais.

Aconteceu:

No vale do Rio Jucuruçu, as Empresas de Assistência Técnica elaboram projetos para recuperação da lavoura cacaueteira, nos quais já se tem um percentual fixo que deve ser destinado à compra de agrotóxicos. Normalmente, 60% do valor total a ser financiado.

Enquanto alguns instrumentos de política pública se efetivam, como a assistência e o crédito, a matriz técnico-científica da modernização da agricultura induz à adoção de sistemas sem sustentabilidade e acaba agravando os impactos ambientais, por fortalecer pacotes agroquímicos preexistentes e concebidos sem interação com a realidade local.

A sensibilização do poder público municipal, dos órgãos de assistência técnica e do sistema de ensino oficial, para atuação conjunta com vistas a uma nova fase de desenvolvimento sustentado nos municípios onde atuamos, é uma prioridade nos próximos anos de atuação do Terra Viva.





O que se fala em todo lugar é economia. Nas nossas áreas não pode ser diferente, tem que ter economia. Temos que diversificar, fazer polpa, licor, farinha e outras coisas para vender e valorizar nosso produto.

Agricultores diversos

Sustentabilidade Econômica

A massificação do uso das propostas agroecológicas que conservem a agrobiodiversidade só se dará caso essas proporcionem impactos econômicos sensíveis aos próprios agricultores. Há uma profunda interdependência entre a viabilidade técnica da proposta de conservação da biodiversidade por meio da agrofloresta e a sustentabilidade econômica dos sistemas agrícolas familiares que incorporam práticas agroecológicas. Conferindo uma maior sustentabilidade econômica aos SAFs, o enfoque agroecológico reduz sensivelmente a pressão sobre os remanescentes florestais.

O Terra Viva realizou um estudo, com o apoio do Funbio, Fundo Brasileiro p/ a Biodiversidade que demonstra a relação direta entre diversificação da produção e aumento dos resultados econômicos da propriedade.

Sendo assim, para além dos efeitos diretos de conservação da biodiversidade nos sistemas agrícolas, a generalização dos sistemas agroecológicos produz efeitos indiretos em espaços não agrícolas. Isso vem sendo evidenciado nas experiências locais onde há redução da degradação das coberturas vegetais originais.

Ainda que empiricamente os sistemas produtivos agroecológicos sejam mais sustentáveis economicamente, os agricultores familiares têm encontrado sérios obstáculos para aumentar o grau de sustentabilidade econômica de suas unidades produtivas. Isso ocorre em virtude das condições altamente desfavoráveis – informalidade, baixas quantidades de produtos, pouca organização cooperativista.

A crescente procura por produtos agrícolas provenientes de sistemas de produção ecológicos, que conservem o meio ambiente, deverá ser valorizada como apoio para estratégias de conservação da biodiversidade.

O estabelecimento de empreendimentos comunitários voltados para a agregação de valor, certificação participativa e a comercialização de produtos agroecológicos é uma condição básica para que se revalorizem as iniciativas coletivas de acesso ao mercado.

Os processos de gestão para um sistema de comercialização coletiva baseado em produção familiar são muito complexos. É importante a elaboração participativa de planos de negócios. Os sistemas de produção agroflorestais implantados estão iniciando a produção econômica e sua sustentabilidade, nesta dimensão, será um dos focos do trabalho do Terra Viva nos próximos anos.

Resultados alcançados com o processo de sistematização

- Proporcionou a discussão da ação em todo o tempo de sua execução, nas seis comunidades de atuação mais antiga. A oportunidade de parar para refletir junto com a comunidade o caminho percorrido, parar para contar a história, gerou aprendizado, sobretudo para jovens e atores que haviam se envolvido depois do início, e que então compreenderam melhor a caminhada. O grupo construiu uma metodologia centrada no “falar” – menos escrita e leitura e mais coisas lúdicas e de falas, tendo como base o comportamento comum de “bater papo”, conversar. Nas oficinas da sistematização, selecionamos pessoas representativas para contar suas histórias e os outros iam se agregando. As pessoas questionavam por que não tinham feito isso antes, que era muito importante. As pessoas gostam de contar sua vivência, aumenta sua auto-estima e compartilha o que vivenciaram juntos. Muitas vezes, há cinco famílias que vivenciaram uma experiência, mas nunca sentaram para conversar sobre o que aquilo significou.
- Permitiu-nos refletir acerca da consolidação dos experimentos locais e sua possível transformação em políticas públicas. O processo possibilitou a revelação dos novos rumos a dar para o projeto: comercialização e envolvimento do poder público municipal. Essas descobertas nortearam a elaboração do novo projeto do Terra Viva, apoiado pelo PDA Consolidação. Reconhecimento de que estamos em um processo que, apesar de apresentar resultados viáveis, é contínuo.
- As oficinas serviram para nivelar o conhecimento existente nas comunidades, mas não chegaram a capacitar tecnicamente em como fazer SAFs, que era um dos objetivos que o Terra Viva queria com a sistematização;

- Criou, entre os parceiros, uma consciência coletiva de interdependência – “estamos no mesmo barco”. Serviu também para criar um “sentimento de grupo” ajuntando as comunidades de cada município, nas oficinas.
- O que se revelou: antes, o Terra Viva entendia que o acompanhamento técnico e o fomento (viveiros) eram as ferramentas de difusão. A sistematização mostrou que é nos processos educativos e principalmente nos intercâmbios que acontecem os “estalos”, muito mais que nos outros momentos. Reconhecimento da importância das ações promotoras de conhecimento: intercâmbio, formação, parcerias, etc., como ferramentas de emancipação das comunidades.
- Do ponto de vista institucional, o que mudou: o Terra Viva incorporou o processo de sistematização em sua prática. A equipe está tentando criar uma metodologia para que a sistematização sirva para a comunidade e não somente para o grupo sistematizador.
- Capacitação dos técnicos facilitadores para outros processos semelhantes. Queremos, nas novas práticas, ver que tipo de retorno esses processos podem gerar para as comunidades. Uma forma são boletins; outra idéia é, por exemplo, a sistematização de controle de pragas, que pretendemos fazer envolvendo produtores que tenham essa experiência e outros que não a tenham, para que se capacitem ao longo do processo.

A mudança mais significativa que ocorreu aqui no Vale não foi a revitalização do sistema agroflorestal de cacau. Foi a gente perceber que precisa mudar e entender o que podemos mudar. Sem isso, as outras coisas não acontecem; e, com isso, a gente consegue muita coisa, além da roça de cacau.

Algumas dificuldades do processo de sistematização

- Relatar a riqueza das oficinas (foram utilizadas filmagens e fitas, além de registros escritos);
- Devolução da narrativa final para a comunidade, principalmente por causa da sobrecarga da equipe técnica. Mas consideramos que é necessário abrir um espaço para fazer isso;
- O foco que escolhemos foi muito amplo e por isso a narrativa ficou “meio desfocada”.

Algumas das lições aprendidas com o processo de sistematização

- O posicionamento dos técnicos deve ser de respeitar os conhecimentos locais, ouvir mais do que falar. Devem propiciar um ambiente que garanta a circulação e a discussão de todas as idéias.
- O engajamento político-ideológico dos técnicos com a agroecologia é imprescindível para desempenhar a função de Apoio Técnico.
- O Terra Viva não acredita na difusão dos SAFs exclusivamente como uma proposta fim, mas sim como parte de um processo constante e vivo, com início, meio e fim. Esse processo se faz com discussões coletivas, validação na realidade dos agricultores e, acima de tudo, com a participação das comunidades como atores decisivos, garantido às comunidades o empoderamento sobre as ações. Isso irá garantir sua independência em relação ao Terra Viva e o avanço dos sistemas de produção de bens e de conhecimentos, mesmo sem processos de assessoria externa.

ALGUMAS SIGLAS UTILIZADAS

- EBDA – Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola
 CEPLAC – Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira
 BB – Banco do Brasil
 CDA – Coordenação de Desenvolvimento Agrário - Bahia
 COELBA – Companhia de Eletricidade do Estado da Bahia
 BNB – Banco do Nordeste
 PMI – Prefeitura Municipal de Itamaraju
 SRF – Secretaria da Receita Federal
 SME – Secretaria Municipal de Educação
 STR – Sindicato dos Trabalhadores Rurais (do Vale do Jucuruçu)



Tipos de SAFs implantados por comunidades

Município	Comunidade	Desde	SAFs implantados	Famílias
Jucuruçu	Córrego Abril	2001	Quintais agroflorestais	15
	Gado Bravo	2001	Recuperação agroecológica do cacau, SAF de café e recuperação agroflorestal de nascentes	25
	Barra do Buri	2001	Recuperação agroecológica do cacau, SAF de café	20
	Farinha Lavada	2001	Recuperação agroecológica do cacau.	25
Itanhém	Aruanda	1997	Quintais agroflorestais, fruteiras tropicais, recuperação agroflorestal de nascentes.	20
	Lembrança	1997	Quintais agroflorestais, fruteiras tropicais, recuperação agroflorestal de nascentes.	15
	Libertadora	2001	Recuperação agroflorestal de nascentes.	25
	Fortuna	2001	Quintais agroflorestais.	15
Itamaraju	Santo Agostinho	2002	Recuperação agroecológica do cacau	34
Prado	Riacho das Ostras	1996	Fruteiras tropicais.	44

Anexo 2

Plantio de Mudras no Campo¹⁵

15 Monitoramentos da instituição e agricultores.

Espécies	Quantidade
Abiu	29
Abacaxi	15000
Abriçó	4
Amora	10
Açaí	4000
Castanha do Pará	10
Arapati	40
Aroeira	198
Abacate	418
Acerola	422
Bandarra	33
Bapeba	60
Biriba	30
Boleira	460
Canafista	220
Angico	32
Castanha do Maranhão	150
Caxeta	189
Joerana	490
Cupuaçú	3.455
Poncam	133
Pitanga	2.650
Pimenta do reino	369
Pinha	95
Romã	11
Sabiá	3.458
Sapoti	33
Sapucaia	72
Siriguela	75
Tamarindo	80
Tamboril	364
Tento	170
Urucum	18.832
Umbu	17
Café	100.765
Coco	10.365
Cravo	207
Canela	342
Cacau	3.081
Pupunha	3.451

Espécies	Quantidade
Jamelão	231
Jatobá	1.923
Pau de Remo	84
Jenipapo	1.528
Jitaí	56
Cedro Verdadeiro	220
Jurema	12
Limão Tahiti	280
Lima	5
Laranja	1452
Louro	600
Manga	2.162
Mirindiba	619
Mulungú	32
Murici	225
Nogueira	18
Oiti	491
Pau D`alho	104
Pau D`arco	9
Jambo	25
Carambola	8
Cajá	59
Gindiba	100
Graviola	6.522
Goiaba	3.455
Fruta do Conde	32
Fruta Pão	10
Imburana	134
Ingá	320
Inhaíba	292
Jaboticaba	176
Jaca	469
Jacarandá	224
Pau Sangue	38
Pau Sapó	445
Pau-ferro	895
Pinha Brava	65
Pitomba	260
Caju	3.456

Total de espécies	79
Total de mudras plantadas	196.856

Família 04 - André e Eulália

Histórico

André nasceu em Santa Maria do Salto, Minas Gerais. Seus pais eram agricultores. Eulália nasceu e viveu até os 18 anos em Guaratinga, casou-se com André e durante cinco anos moraram na propriedade do pai de André em Santa Maria do Salto. Depois mudaram para Itabela onde permaneceram por quatorze anos.

Na época que começou o movimento de reuniões para as ocupações de terra quem participava era Eulália, que era balconista de loja. Nesse período André estava trabalhando na roça do sogro, o que dificultava sua participação nas reuniões.

Os primeiros anos no assentamento foram muito difíceis. A família fazia vassouras para sobreviver. Uma grande alegria foi na ocasião do parcelamento, quando a terra deles foi medida, "poder plantar no que é da gente e morar num local saudável é muito bom". A família tem o plano de morar no lote assim que construir uma casa, por enquanto moram na área comunitária do assentamento.

O casal tem três filhos. A mais velha, de 31 anos, é casada com o filho de outro casal participante da ocupação e já possui seu lote. Seu filho Adenailton mora fora do assentamento em São Paulo. Permanece com o casal a filha mais nova, já casada, o genro e o neto de um ano e quatro meses. Este genro é também filho de parceiros e trabalha no lote dos pais.



Aspectos sócio – econômicos

Educação

NOME	IDADE	PARENTESCO	#	ESCOLARIDADE
André	56	Esposo	N	Alfabetização
Eulália	50	Esposa	S	Primeiro ano
Andréa	16	Filha	S	Sétima e oitava série
Reginaldo	21	Genro	S	Sétima e oitava série
Adriano	1 e 4 mês	Neto	N	

N – atualmente não estuda

S – está estudando atualmente

Alimentação

A base alimentar da família é o arroz, o feijão, carnes, macarrão, verduras e legumes, que são comprados semanalmente pela família na cidade de Itamaraju, onde é gasto em média R\$ 80,00. Além dessa lista de produtos alimentares, a família compra sabão em pó, sabão em barra, detergente, cloro, creme dental, papel higiênico, sabonete, creme para pele, creme para cabelos, xampu, perfumes etc. Complementam a alimentação com animais da criação como galinha (e ovos) e da horta (teve épocas de vender verduras e legumes por meio de atravessadores).

Habitação

A casa possui seis cômodos, dois quartos, banheiro, copa e cozinha. É feita de barro batido, embora sejam emboçadas e pintadas, as paredes já estão descascadas e com parte do emboço caído. Possui telhas Eternit, mas não é forrada. O piso é de cimento vermelho e possui instalação elétrica e hidráulica (água).

Energia

O valor gasto em média com energia é de R\$ 21,00 por mês, e é gasto pela família com a geladeira, lâmpadas, televisão, aparelho de som, liquidificador e ferro.

Vestuário

A família compra roupas quando sentem necessidade, geralmente compram nas festas juninas e no final do ano.

Saneamento

A água que é utilizada pela família é do poço artesiano localizado na área comunitária.

A propriedade não tem rede de esgoto e utiliza uma fossa para suprir as necessidades.

Na casa tem banheiro, onde a família toma banho e faz suas necessidades.

O papel do homem

S. André desenvolve todas as atividades na lida com a roça.

O papel da mulher

D. Eulália, antes de participar da Escola Livre, participava efetivamente do plantio e colheita na propriedade da família. Eulália é uma pessoa muito dinâmica, como agente da Escola Livre dá subsídios para a realização das oficinas chamadas

troca de experiências. E ainda ministra grande parte dos cursos oferecidos na escola. Domina o corte e costura, crochê, bordado e pintura, faz pães caseiros para vender e bolos para festas, produz geléias, doces, óleos aromáticos, licores e etc.

Como agente da Escola Livre, procura promover cursos que envolvam diretamente mulheres e crianças.

Aspectos gerais da propriedade

Uso do solo

O lote da família é o de número 39. Seu acesso é realizado pela estrada principal da área, e se encontra próximo ao centro comunitário I. Possui cerca de 21 hectares e tem um formato mais quadrado que a maioria dos lotes, com melhor relação entre largura e comprimento.

Fazem vizinhança com outros parceiros em ambos os lados e com o Parque Nacional do Descobrimento ao fundo.

Em relação ao relevo é plano e suave ondulado. Como não é servido pelos cursos d'água maiores, não dispõe de encostas mais acentuadas, apenas as suaves próximas aos pequenos cursos formados a partir das nascentes da propriedade.

O lote da família foi sendo ocupado principalmente com pastagens, sendo que André foi um dos poucos parceiros que conseguiu estruturar um sistema de criação animal. Atualmente cerca de 60% da propriedade está plantada de capim. Além do pasto, outro sistema importante é o de roçado de mandioca. Implantaram também uma área de fruticultura, sendo uma parcela de coco em monocultura e uma menor, diversificada.

Além da propriedade a família possui um pequeno lote na área comunitária, onde moram. Nesta área foi desenvolvido um sistema de quintal, incluindo frutíferas, hortaliças, ervas medicinais e pequenos animais. Nesta área também se encontram algumas estruturas de beneficiamento utilizadas pela família, sejam de sua propriedade ou comunitária.

Recursos disponíveis

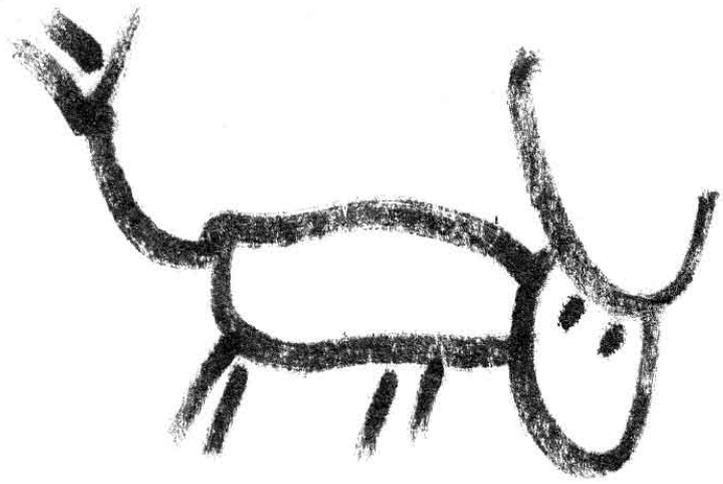
Naturais

Na área existem três nascentes. Uma delas seca no verão e a água não é de boa qualidade. A que nasce dentro da área de reserva é de excelente qualidade e nunca secou. A terceira nasce no meio do pasto e não tem proteção, porém também nunca secou, no percurso desse córrego pelo lote da família foi construído duas pequenas represas, uma manual e a outra com trator de esteira.

A área de reserva foi quase toda desmatada. A área de mata remanescente é de apenas 1,5 tarefas, onde se encontra a nascente com água de melhor qualidade, sendo que uma área maior, que foi queimada, está em regeneração.

Infra-estrutura

Na propriedade existem duas casas simples, sendo que uma já está desabando e um curral rústico. Na vila comunitária a família possui uma casa de morada melhor e mais confortável. Na propriedade não dispõe de energia e nem equipamentos além das ferramentas básicas para a lida com a roça e com os animais. Nas duas pequenas represas a família tem criado algumas espécies de peixe, destinado ao consumo familiar.



Sistemas de Produção

Criação de gado

O grande desejo de André era a criação de gado e a ocupação do lote era realizada no sentido de ir formando as pastagens. A mata ou capoeira era derrubada e queimada. A seguir era plantada uma roça de mandioca e outras culturas de ciclo curto. Após a colheita da roça era plantado o capim.

Conforme o gado ia rendendo era necessário aumentar o pasto. Atualmente o pasto ocupa 60% da área do lote, onde a família maneja um rebanho no total de 11 cabeças.

Além do pasto mantém uma capineira e também fornece mandioca, (raiz e ramos) para os animais.

Em uma área de cerca de uma tarefa foi feito um plantio de coco. Após as plantas crescerem a intenção é plantar o capim para um consórcio pastoril.

A idéia é formar um gado misto, que dê carne e leite e seja adaptado ao clima, (Eulália afirma que aqui já foi melhor para o gado).

Roçado de culturas anuais

As culturas anuais são plantadas em dois sistemas, em ambos o preparo da terra é realizado com o trator da associação, estratégia adotada em função da pouca disponibilidade de mão de obra. Em março é realizado o plantio de uma área consorciada. Além da mandioca plantam também feijão, milho, girassol, abóbora e andu. Açam que com o consórcio aproveitam melhor a área destinada ao plantio, e têm menos trabalho com a capina. Em agosto realizam apenas o plantio da mandioca. Entre as culturas a mandioca é a principal referência, sendo que a área usual é entorno de quatro hectares por ano.

Fruticultura

Com aquisição do crédito do Procefa a família fez um investimento numa área de fruticultura diversificada (graviola, coco, goiaba, pitanga, urucum etc), de aproximadamente dois hectares.

Mão-de-obra

A família tem uma limitação de mão de obra. Entre os membros apenas André tem dedicação diária nos sistemas de produção, especialmente na lida com o gado.

Eulália tem dedicação parcial na área, pois cuida das tarefas domésticas e participa de outras atividades comunitárias no assentamento, (escola livre, saúde, igreja).

Para compensar essa dificuldade de aquisição de mão de obra, André geralmente usa o trator da associação, para o preparo da terra para plantios de lavouras anuais, outra estratégia é o plantio de cereais consorciado diminuindo assim a capina. A família possui uma junta de boi, considerada uma força de trabalho de suma importância para a realização de atividades da unidade familiar.

Calendário sazonal

Informações	Meses											
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
importantes												
Preparo da terra	■	■						■				
Plantio de Maniva			■					■	■			
Limpa da Mandioca				■	■		■			■	■	
Plantio de cereais			■									
Limpa de cereais				■	■							
Colher cereais						■	■					
Cuidar do gado	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
Limpeza do pasto										■	■	
Acerar cerca										■	■	
Consertar cerca										■	■	
Produz mais leite					■	■	■	■				
Gado pesa mais	■	■	■								■	■

geralmente o mês de dezembro é utilizado para visitar os parentes.

Estratégias econômicas

Para garantir a formação de uma renda satisfatória para a família André e Eulália organizaram um sistema em que combinam atividades agrícolas e não agrícolas em seu cotidiano. Com a opção de morarem na agrovila, surge a oportunidade, aproveitada pelo casal, de atender a população local em determinados produtos e serviços. Alguns componentes deste atendimento são realizados gratuitamente dentro de um espírito comunitário, como o trabalho na área de saúde realizado por Eulália. Outros geram recursos extras para a família, por meio da comercialização de produtos de mercado (limpeza, alimentação) e de manufaturados produzidos pelo casal (pão, melado, rapadura).

No lote do assentamento, os sistemas principais geradores de renda são o roçado, com destaque para a cultura da mandioca e a criação de gado. Ao contrário da maior parte das famílias do assentamento, entretanto, esta não se dedica a produção e a comercialização semanal de farinha. A mandioca é entregue a um terceiro, cujo resultado da produção é dividido "na meia". Associado à mandioca aparecem outros produtos anuais, que são importantes para o consumo interno e para a composição da renda monetária. O gado, considerada outra atividade importante pela família na composição da renda é responsável por 60% da ocupação territorial do lote.

As tentativas de ampliar a diversificação dos sistemas de produção são verificadas no lote pela implantação de uma de coco e outra de fruticultura diversificada. Com exceção do coco, as demais culturas não estão tendo um desenvolvimento satisfatório e uma dedicação maior por parte da família, e a tendência é eles não se consolidarem como uma opção produtiva econômica para este núcleo familiar.

André visualiza para o futuro continuar com o gado (aumentando o pasto e melhorando a qualidade genética do rebanho), e a mandioca, que sempre foram as fontes de renda mais importantes para a família, pretende investir um pouco mais no plantio de urucum, apesar de ainda não ter um resultado que considere positivo.

No lote menor na vila comunitária, André e Eulália organizaram uma pequena chácara, com uma diversificação importante de produtos de consumo alimentar, relevantes para a qualidade de vida da família.

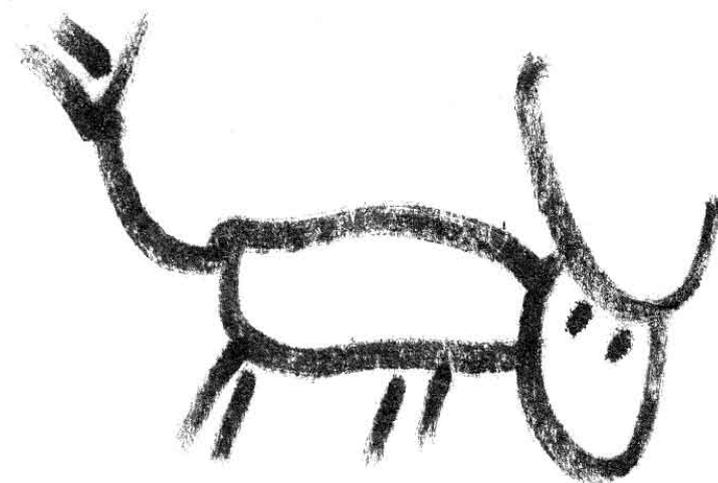
O filho do casal que mora em São Paulo geralmente manda alguma quantia em dinheiro, que para a família é visto como uma fonte de renda monetária

Produtos da propriedade

PRODUTO	QUANTIDADE (por ano)	Uso ou função
Mandioca	10 tarefas	Vende/consome/ farinha
Farinha	360 sacos (à meia)	Vende / consome
Aipim	01 tarefa	Vende/
Feijão	10 sacos	Vende / consome
Milho	02 sacos	Consome / animais
Abóbora	250 Kg	Consome
Girassol	02 sacos de 80 litros	Vende / animais
Amendoim	240 litros	Vende / consome
Gado	03 bezerros	Vende
Leite	1.095 litros	Consome/ vende
Galinha	200 kg	Consome
Ovos	Não sabe	Consome / chocar
Inhame	350 Kg	Consome
Laranja	3.000 unidades	Vende / consome
Limão	2.000 unidades	Consome / perde
Banana	50 cachos	Vende / consome
Cana	30 Kg de rapadura	Vende / consome

Fontes de renda

Meses													
PRODUTOS	%	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Mandioca	03										03		
Farinha	20	01	01	01	01	01	01	01	01	03	03	03	03
Aipim	02	01	0,5									0,5	
Amendoim	02						02						
Girassol	01							01					
Inhame	02						02						
Rapadura	10								02	02	02	02	02
Melado	05								01	01	01	01	01
Banana	04	0,5	0,5	0,5	0,5					0,5	0,5	0,5	0,5
Laranja	02			02									
Leite	06	01	01	01	01	0,5	0,5	0,5	0,5				
Bezerro	09				03				04		02		
Flores	01		0,5				0,5						
Pão	08	02	02	01	01							01	01
Venda feira	08	02	02	02	02								
Educadora	13											6,5	6,5
Apoio filho	04								04				
TOTAL	100	7,5	7,5	7,5	8,5	1,5	06	2,5	12,5	6,5	11,5	14,5	14



Metodologia da pesquisa

A partir de técnicas de DRP, com os grupos de jovens que vêm realizando o monitoramento junto as seis famílias, nessa primeira fase obteve-se dados mais gerais dos sistemas familiares, nomeando a descrição geral do sistema e suas inter-relações socioambientais.

Fonte de renda

Em um trabalho envolvendo toda a família, colheu-se dados sobre as fontes de renda monetária, sua importância e as estratégias adotados pela família para que seus serviços e/ou produtos gerem renda monetária.

Descrição dos Gráficos

Subsistema Mandioca

Mandioca: uma importante fonte de renda para a família, no passado era vendida para farinheiras da região em quantidades maiores, porém depois de ter alguns prejuízos em não receber pela venda, a família vem optando por vender localmente e em menor quantidade, se relacionando dessa forma com o mercado interno.

Farinha: a maior parte da mandioca da família é transformada em farinha, esta família não tem uma farinheira no lote, dessa forma usam a farinheira da área comunitária, administrada pela associação. Por não dispor de mão de obra suficiente, entregam a produção de farinha para um terceiro, este após a fabricação divide na meia o total de farinha produzida.

Aipim: geralmente plantado junto com a mandioca é comercializado principalmente no verão, vendido no próprio assentamento para atravessadores que atendem uma demanda específica nesse período, os turistas.

Subsistema Pasto

Leite: André se dedica a esta atividade, pela manhã traz para casa, é vendido para as famílias que moram próximas, principalmente as da área comunitária.

Bezerro: comercializado no assentamento, geralmente duas vezes no ano, usam este recurso principalmente para investimento, ou para resolver questão de saúde da família.

Subsistema Roçado

Amendoim: plantado em consórcio com outras culturas anuais, é vendido no prado na época das festas juninas, período de maior demanda desse produto, sendo um dos produtos relacionado com o mercado externo.

Girassol: cultura recentemente cultivada pela família, muito utilizada para alimentar aves, este produto está se relacionando com o mercado externo, na cidade de Itamaraju, onde é vendido para casas agropecuárias.

Inhame: comercializam na cidade de Itamaraju, apesar de ter uma demanda pequena, conseguem transformar este produto em renda monetária.

Subsistema Cana

Rapadura: a família utiliza uma estrutura coletiva localizada na área comunitária, esta estrutura foi apoiada pela igreja católica para um grupo que planta cana e tem uma ralação com a igreja. A estrutura dispõe de um engenho, dois tachos e uma área de armazenamento dos produtos derivados da cana, e vem contribuindo para que a cana se torne mais uma fonte de renda monetária para a família. A família entrega o produto a cada quinze dias a uma terceira pessoa relacionada com a igreja, esta leva para Teixeira de Freitas, onde um feirante realiza a venda.

Melado: outro produto da estrutura coletiva do grupo da cana, sua comercialização é realizada da mesma forma que o da rapadura.

Subsistema Quintal

Banana: produto da área em torno da casa é vendido para os vizinhos, as plantas estão distribuídas pelo quintal consorciadas com outras fruteiras, formando um quintal agroflorestral.

Laranja: vinda do quintal agroflorestral, também é vendida para os vizinhos.

Flores: as flores são cultivadas na horta próxima da casa, recente atividade monetária, realizada por Eulália, é vendida no povoado de Cumuruxatiba e na cidade de Prado.

Gêneros alimentícios

Pão: semanalmente Eulália faz pão caseiro para vender no próprio assentamento.

Revenda de alimentos: a família compra gêneros alimentícios em maiores quantidades nos armazéns e revende para os vizinhos, os principais produtos são da cesta básica e de limpeza.

Venda de serviços

Educadora: Eulália realiza um trabalho na comunidade de agente educacional na escola livre e recebe uma ajuda de custo, sendo dessa forma mais uma fonte de renda.

Apoio do filho: o filho do casal que mora e trabalha em São Paulo periodicamente manda uma quantia em dinheiro para a família, que é também uma fonte de renda para a família.

Relação com o mercado

Mercado interno: se restringiu a relação com o mercado local, ou seja, a venda direta de produtos e/ou serviços a outras famílias moradoras do próprio assentamento.

Mercado externo: todas as relações comerciais que a família exerce fora do assentamento para obter renda monetária.

Mercado interno

Produto/serviço	%	Local
Agente educacional	13	Assentamento
Mandioca	03	
Aipim	02	
Banana	04	
Laranja	02	
Leite	06	
Bezerro	09	
Pão	08	
Revenda de alimentos	08	

Mercado externo

Produto/serviço	%	Local
Farinha	20	Itamaraju
Amendoim	02	Prado
Girassol	01	Itamaraju
Inhame	02	Itamaraju
Rapadura	10	Teixeira de Freitas
Melado	05	Teixeira de Freitas
Flores	01	Cumuruxatiba e Prado
Apoio do filho	04	São Paulo





PDA - Projetos Demonstrativos

W3 Sul, Qd. 514, Bl. B, Lj. 69,
2º andar, s/ 203
Brasília - DF
CEP: 70380-515

Telefone: (61) 4009-9256
Fax: (61) 4009-9271
www.mma.gov.br

Terra Viva

Rua Liberdade 657
Liberdade - Itamaraju/BA
CEP: 45836-000

Telefone: (73) 3294-1963
email: terraviva@dstech.com.br

Representante Legal

Arnaldo Fernandes Costa
(terraviva@dstech.com.br)



Ministério do
Meio Ambiente



Apoio:

